



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MÔNICA DE LIMA ROBERTO

**SÃO JOSÉ DE PIRANHAS – PB: MEMÓRIA DO ESPAÇO E
PROJEÇÃO DO URBANO NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980.**

CAJAZEIRAS-PB

2018

MÔNICA DE LIMA ROBERTO

**SÃO JOSÉ DE PIRANHAS – PB: MEMÓRIA DO ESPAÇO E
PROJEÇÃO DO URBANO NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980.**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Graduação em Licenciatura Plena em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, como requisito para a obtenção da nota.

Orientador: Professor Dr. Osmar Luiz da Silva Filho.

**CAJAZEIRAS – PB
2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

R642s Roberto, Mônica de Lima.
São José de Piranhas - PB: memória do espaço e projeção do urbano nas décadas de 1970 e 1980 / Mônica de Lima Roberto. - Cajazeiras, 2018.
102f.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho.
Monografia(Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2018.

1. São José de Piranhas, PB - memória. 2. História oral. 3. Desenvolvimento. I. Silva Filho, Osmar Luiz da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

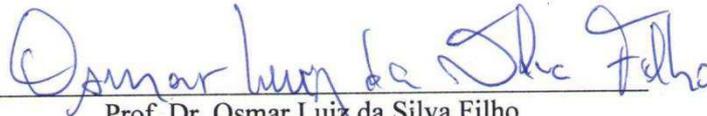
CDU - 94(813.3)

MÔNICA DE LIMA ROBERTO

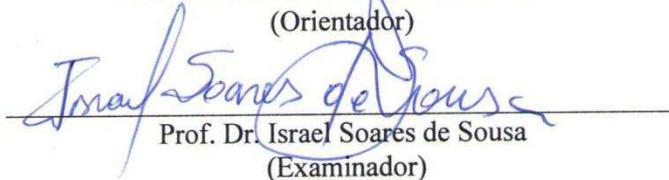
**SÃO JOSÉ DE PIRANHAS – PB: MEMÓRIA DO ESPAÇO E
PROJEÇÃO DO URBANO NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980.**

Aprovado em: ___ / ___ / ___

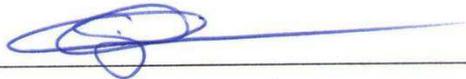
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho
(Orientador)



Prof. Dr. Israel Soares de Sousa
(Examinador)



Prof.^a Dra. Silvana Vieira de Sousa
(Examinadora)

Prof. Ms. Francinaldo de Sousa Bandeira
(Suplente)

CAJAZEIRAS – PB

2018

Dedico à cidade de São José de Piranhas, pela sua rica história que me possibilitou elaborar essa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu agradeço a Deus, por ter me permitido viver essa experiência e ter sido meu suporte nos momentos mais difíceis dessa trajetória, me dando saúde e força para seguir em frente, iluminando meus pensamentos com ideias pertinentes que possibilitaram a escrita desse trabalho.

Ao meu Orientador Dr. Osmar Luiz da Silva Filho pela confiança, dedicação e empenho que sempre teve durante a realização dessa pesquisa, por acreditar no meu potencial e contribuir com minha formação. Obrigada por ser esse exemplo de mestre onde se vemos amor em tudo que faz.

Aos professores do curso que tanto colaboraram para o meu aprendizado, em especial à professora Dr. Silvana Vieira de Sousa, por toda dedicação que teve comigo tanto nas aulas como no projeto da monitoria, por sua irreverência ter feito toda diferença nessa trajetória que às vezes é muito árdua.

A minha turma 2012.2, por todo o aprendizado e companheirismo durante esses anos. Em especial aos que posso chamar de amigos, Sibelle, Leiana, Aparecida, Marília e Clairton que sempre estiveram ao meu lado partilhando as alegrias e as tristezas ao longo do curso e por saberem como ninguém as dificuldades encontradas durante a realização dessa pesquisa. Levarei todos em meu coração.

Sibelle minha amiga obrigada também por todos os momentos em que se dispôs a ser minha monitora particular me ajudando em tudo que envolveu esse curso, você é luz.

Aos meus familiares e em especial aos meus pais Maria do Socorro e Manoel Antônio, meus irmãos Mateus, Manuela, Marcelo, Maria Antônia e Mauricio, pela confiança que sempre depositaram em mim durante toda a vida e por acreditarem sempre no meu potencial.

Aos meus avós, por sempre frisarem que a educação é o melhor caminho a se seguir, entre eles minha vó Maria (In memoria) pelos seus ensinamentos e por me mostrar que a humildade e o amor ao próximo nos faz seres humanos melhores, seria um prazer partilhar com você esse momento.

Ao meu noivo Vinícius, por estar sempre ao meu lado, por ter me ajudado na medida do possível para que essa pesquisa ocorresse, incentivando-me nos momentos que mais quis fraquejar.

A Maria de Fatima, por me apoiar, me acolher em sua casa e me mostrar o quanto a família e a educação são importantes.

Minhas amigas, Luma, Tiara, Ruth, Maysa, Natalia, Danyelle, Por nossa amizade que é sinônimo de momentos alegres.

Ao secretario da câmara municipal de São José de Piranhas, Denílson dos Santos, por facilitar meu acesso ao acervo e compreender a importância dessa pesquisa, sua ajuda foi essencial.

Aos entrevistados: Antônia dos Santos, Antônio Bezerra, Maria Dolores, Rosemare Amarin e Vanderlita de Meneses, a ajuda de vocês foi fundamental, obrigada por compartilharem comigo suas lembranças e recordações sobre nossa amada São José de Piranhas.

A todas as cidades que são ícones ricos em história, por me fascinarem e me mostrarem que a história existe onde nos propusermos a enxergá-la.

Por fim, sou grata a mim, que batalhei, chorei e sorri para escrever essa pesquisa, não foi fácil, mas com ajuda de todos citados juntamente com o meu esforço e vontade de vencer eu consegui.

Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 1990, p. 05).

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a memória e o espaço da cidade de São José de Piranhas (estado da Paraíba) nas décadas de 1970 e 1980, pensando a mesma como uma cidade regular e planejada que nasceu nos anos 30 do século passado. Queremos compreender como a mesma tem combatido seus problemas públicos, seus desafios sociais e de crescimento nesse período, bem como perceber como se construíram as vivências e a memória social dos habitantes em torno dessas experiências na cidade. Para o desenvolvimento dessa pesquisa utilizamos estudos de historiadores, urbanistas e pensadores como Raquel Rolnik (2004), Nicolau Sevcenko (1998), Maria Stella Bresciani (1981), Walter Benjamin (1985-1991) e outros, tendo em vista que as teorias promovem entendimentos, explicações e reflexões ao examinarmos uma documentação sobre a realidade que estudamos. A metodologia utilizada nas discussões e o recorte escolhido estão baseados em fontes documentais – Fotografias, Atas da Câmara Municipal Aurélio Cavalcante, encontradas numa temporalidade específica que delimita o nosso recorte. Utilizaremos também a história oral com entrevistas realizadas com os habitantes, entendendo serem eles os atores que elaboram e recriam suas vivências e sonhos na cidade.

Palavras-chave: Cidade; Memória; Desenvolvimento; Habitante.

ABSTRACT

The present research aims to analyze the memory and space of the town of São José de Piranhas (in the state of Paraíba) in the 1970s and 1980s, thinking of it as a regular and planned town that was born in the 30s of last century. We want to understand how the town has combated its public problems, its social and growth challenges in this period, and also, to understand how the inhabitants' experiences and social memory were built around these experiences in the town. For the development of this research we have used studies by historians, urbanists and thinkers such as Raquel Rolnik (2004), Nicolau Sevcenko (1998), Maria Stella Bresciani (1981), Walter Benjamin (1985-1991) and others, considering that the theories promote understandings, explanations and reflections when examining a documentation about the reality that we have studied. The methodology used in the discussions and the chosen cut are based on documentary sources - Photographs, meeting minutes from the Aurelio Cavalcante City Council, found in a specific temporality that delimits our cut. We will also use oral history such as interviews with the inhabitants, understanding that they are the actors who elaborate and recreate their experiences and dreams in this town.

Keywords: Town; Memory; Development; Inhabitant.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 - A cidade milenar, antes cercada por muros e repleta de ruas estreitas características de um crescimento orgânico medieval, foi completamente reformulada | 22 |
| Figura 2 – Imagem aérea da cidade de São José de Piranhas datada de 30.10.2017 | 29 |
| Figura 3 - Vista aérea da cidade no ano de 1974..... | 29 |
| Figura 4 - Abastecimento de água na cidade de São José de Piranhas, imagem dos anos 1969 | 31 |
| Figura 5 - Antiga rodoviária da cidade de São José de Piranhas no ano de 1980 localizadas no centro da cidade, demolida e substituída por prédios comerciais no ano 2005..... | 34 |
| Figura 6 - Casarão do ex-prefeito da cidade Joaquim Lacerda Leite que ficava situado em frente à praça da cidade de São José de Piranhas, o mesmo era tido pela população como prédio histórico da cidade..... | 35 |
| Figura 7 - Rua Sabino Cipriano no ano de 1969 antes de seu calçamento..... | 37 |
| Figura 8 - Feira Livre de São José Piranhas nos anos 80 | 39 |
| Figura 9 - Feira Livre de São José Piranhas nos anos 80 | 41 |
| Figura 10 - Corro de Feirante em dia de feira Livre em São José Piranhas nos anos 80 | 42 |
| Figura 11 - Escola São Sebastião nos anos de 1972..... | 45 |
| Figura 12 - Inauguração do estádio de futebol Marconi Cruz de Lacerda no ano de 1980.... | 47 |
| Figura 13 - Vista aérea do conjunto Arconcio Pereira em São José de piranhas | 53 |
| Figura 14 - Vista aérea do açude e estação de tratamento do açude no ano de 1971..... | 54 |
| Figura 15 - Vista aérea do centro de São José de Piranhas | 56 |
| Figura 16 - Rua do centro na lateral da praça | 56 |
| Figura 17 - Vista aérea da avenida centenária..... | 58 |
| Figura 18 - Deputado José Lacerda Neto, o Prefeito Joaquim Lacerda Leite, o ministro da Saúde e lideranças políticas visitam as obras de construção do hospital de São José de Piranhas- PB. | 62 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| CAPÍTULO I: PARA UMA HISTÓRIA DA CIDADE | 15 |
| 1.1 O ENCONTRO COM UM OBJETO DE PESQUISA: AS TRILHAS DE UM PERCURSO ACADÊMICO | 15 |
| 1.2 ESCRITAS SOBRE AS CIDADES: JANELAS PARA A HISTÓRIA | 19 |
| CAPITULO II: A CIDADE COMO CENTRO ADMINISTRATIVO | 28 |
| 2.1 SÃO JOSÉ DE PIRANHAS MEMÓRIA- ESPAÇO DA CIDADE..... | 28 |
| 2.2 DESENVOLVIMENTO URBANO E SOCIAL DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS NO ANOS DE 1970..... | 30 |
| 2.3 ARRUMAÇÃO ESPACIAL NA MEMÓRIA DOS PIRANHENSES..... | 32 |
| 2.4 A FEIRA LIVRE DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE | 38 |
| 2.5 A EDUCAÇÃO PIRANHENSE NOS ANOS 70-80..... | 44 |
| 2.6 EXPERIÊNCIAS DE DIVERSÃO EM SÃO JOSÉ DE PIRANHAS..... | 46 |
| CAPÍTULO III: SÃO JOSÉ DE PIRANHAS PROBLEMAS PÚBLICOS E DESAFIOS SOCIAIS | 50 |
| 3.1 A SECA | 50 |
| 3.2 A CHUVA | 52 |
| 3.3 RITMOS SOCIAIS | 55 |
| 3.4 AS MELHORIAS PARA O TEMPO DO “AGORA” | 59 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 64 |
| REFERÊNCIAS | 67 |
| ANEXOS | 72 |
| APÊNDICES | 79 |

INTRODUÇÃO

Pensando a cidade como objeto de estudo é que os historiadores têm desenvolvido pesquisas sobre sua origem, suas feições materiais, sua vida administrativa, política e cultural.

Existe uma vasta quantidade de estudos sobre a História das cidades que são de fundamental importância para aqueles que estão iniciando sua investigação sobre esse tema. Entre eles estão investigações acerca de seus traçados, suas ruas, suas transformações ao longo do tempo, seus habitantes e suas vivências, entre outros temas que podem ser anunciados.

Aqui caberia até uma pergunta: o que é a cidade?

Essa pergunta permite uma gama de reflexões entre elas a de ROLNIK (2004) que nos mostra a cidade como um ímã que atrai, reúne e concentram os homens, seja aceita como razoável e compreensível, mesmo quando convocamos imagens para defini-la.

Existem amplas possibilidades de abordagens teóricas e metodológicas acerca do tema. Se o historiador do urbano estiver conectado e atualizado sobre as pesquisas divulgadas em seu campo de estudo é possível e pertinente propor novas análises pontuando as inúmeras maneiras de leituras do urbano e atentar para novas intenções de pesquisas de modo que sejam relevantes, tanto para a academia quanto para a sociedade.

Querendo percorrer novas e específicas trilhas – já que vamos empreender uma pesquisa de TCC - iremos investigar a cidade de São José de Piranhas, que se localiza no alto Sertão da Paraíba. Apesar de ser uma cidade pequena e nova, apresenta uma história bonita de luta e sobrevivência de seus habitantes.

Assim como a maioria das cidades do sertão da Paraíba nossa cidade foi fundada através de uma doação de sesmária em fins do século XVII. No ano de 1809, deu-se início a edificação do que viria a ser São José de Piranhas, localizando-se na margem direita do rio Piranhas o que originou seu nome primitivo São José de Piranhas de Cima, e posteriormente recebeu o piranhas por esta as margens do Rio Piranhas.

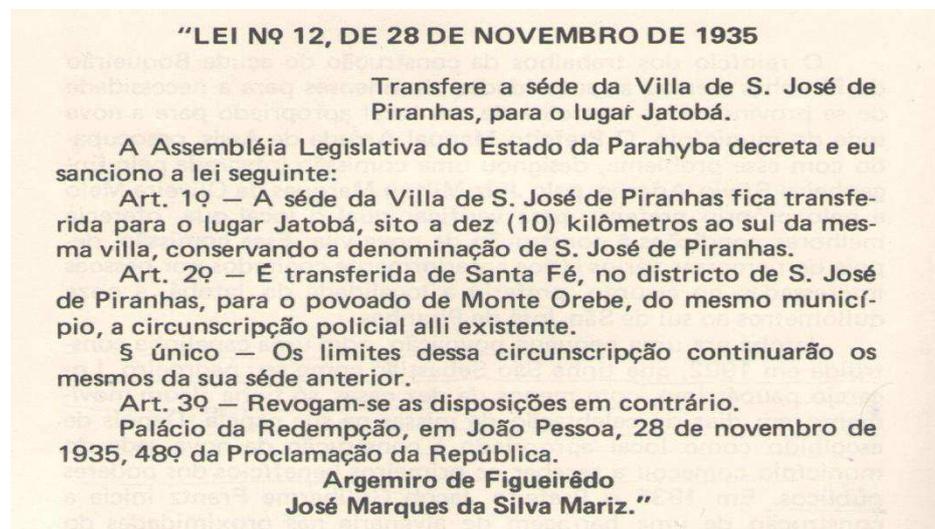
Assim como nas cidades antigas a religião católica teve uma importância extrema, teve igualmente nas primeiras formações de núcleos urbanos no Sertão, principalmente por realizar casamentos e batizados e assumindo em seu espaço de origem uma função religiosa. Nesse sentido a cidade foi se desenvolvendo em volta de uma capela e segundo Leitão (1985) por volta de 1830 já apresentava os primeiros sinais de seu desenvolvimento com a sua criação de distrito de paz. Em igual medida São José de Piranhas desenvolvia em seus

primórdios atividades agrícolas acompanhadas de fazendas e criatório de gado. “As primeiras manifestações do seu progresso resultaram da proveitosa atividade agrícola exercida pelos seus habitantes e das numerosas fazendas de criação que se formaram nas terras que constituiriam o seu município”. (LEITÃO,1985,p.31).

A pequena vila foi se desenvolvendo as margens do Rio Piranhas; o que faltava era uma autonomia municipal que ocorreu no dia 24 de setembro de 1885 com a lei nº791 e, segundo Leitão (1985), as primeiras eleições já ocorreram no ano seguinte.

A cidade passou a se desenvolver, porém, no ano de 1909. Por esse tempo o Governo Federal lançou um programa de combate à seca no sertão, no qual construiria vários açudes, o projeto de construção do Açude de Boqueirão que viria abastecer várias comunidades e cessar a seca que ameaçava o sertão. O mesmo previa o inundamento da cidade de São José de Piranhas. A mesma então teria que ser reprojeta e transferida de local de forma que atendesse à demanda popular.

O local escolhido foi o povoado de Jatobá que continha uma pequena povoação, com uma capelinha construída em 1902, que tinha São Sebastião como seu padroeiro; lugarejo carente, com menos de dez casas e que só tinha algum movimento em dias de celebração na capela.



(LEITÃO, 1985, p.106).

Segundo Vieira (2008) a transferência representou um quadro triste em um momento em que os habitantes da vila têm que abandoná-la e construir outra sede, se não quisessem desaparecer do mapa devido sua consequente inundação, O povo piranhense, a partir da transferência, iniciava uma nova fase.

Ainda segundo Vieira (2011, p. 30) estava à frente da construção da nova cidade o engenheiro Sílvio Aderne que elaborou o projeto urbanista da nova sede municipal.

Logo a partir de 1932, a vila começa seu movimento de retirada para outra localidade porque ia ficar submersa, razão pela qual foi nomeada pelo Prefeito Capitão Manoel Arruda de Assis uma comissão de destaque social, formada pelo prefeito e pelo juiz municipal Milton Marques de Oliveira Melo, tendo a frente o engenheiro Sílvio Aderne que elaborou o projeto urbanista da nova sede municipal. O local escolhido foi o Sítio Jatobá, distante 12 km da Vila de São José de Piranhas. Recebeu-se dos cofres da I.F.O.C.S. a quantia de 51.000,00 (Cinquenta e um contos de réis).

No dia 1 de janeiro de 1937 a nova cidade foi inaugurada. É a partir dessa nova cidade que iremos pensar São José de Piranhas, com o objetivo de analisar a construção da memória e do espaço da cidade nas décadas de 1970 e 1980, pela experiência de seus habitantes. Pensando a mesma a ser uma cidade regular e planejada. Queremos compreender como ela tem combatido seus problemas públicos, seus desafios sociais e de crescimento nesse período com enfoque na memória dos habitantes, baseado também em elaborações teóricas a respeito do objeto formal “cidade”.

O que justifica nosso recorte temporal, que se situa entre as décadas de 1970 e 1980, é a existência de documentação encontrada e referente a esse período.

Estudos existem sobre esse núcleo urbano, feitos por historiadores e memorialistas que descreveram sua história desde seus primórdios, como Deusidedit Leitão (1985) *São José de Piranhas: notas Para Sua História*; José Marconi G. Vieira (2010) *São José de Piranhas: conselheiros, indiferentes e prefeitos e São José de Piranhas Arena versus MDB* e Messias Ferreira de Lima (2010) *São José de Piranhas um pouco de sua História*.

Reconhecemos a importância desses escritos ao tempo em que sentimos a necessidade de intervir com uma nova investigação com novos métodos, problemas e técnicas.

As fontes oficiais disponíveis São Livros de Atas e Requerimentos da Câmara Municipal casa Francisco Aurélio Cavalcante; utilizaremos também a história oral, entendendo serem os habitantes os atores que elaboram e recriam suas vivências e sonhos na cidade e que vivenciam de perto as melhoras ofertadas pela mesma, além de obtermos informações que na maioria das vezes não estão registradas, nos ajudando a fazer análise de pontos de vista diferentes; as fotografias serão outro recurso que nos possibilitará adentrar a porta da memória sendo possível analisar a paisagem física incorporada à cidade, acrescida de lembranças, recordações e tempos construídos.

Nossa pesquisa será dividida em três momentos: o primeiro ficará por conta de análise teórica e metodológica sobre o objeto formal cidade e sua trajetória no tempo, assim como as reflexões e os encaminhamentos que envolveram o processo de escolha dessa temática. Num segundo momento chegaremos a um debate onde trataremos do desenvolvimento material da cidade e seu espaço físico no recorte temporal selecionado. No terceiro abordaremos como a cidade tem combatido seus problemas públicos e seus desafios sociais e de crescimento, ao longo desses anos e como seus habitantes vislumbram melhorias para a cidade no “tempo do agora”.

Por fim, a escolha do nosso tema prende-se também ao fato do nosso trabalho tentar contribuir com os estudos sobre cidades junto ao campo historiográfico, deixando por meio de nossas tentativas e investimento uma escrita para os habitantes.

CAPÍTULO I: PARA UMA HISTÓRIA DA CIDADE

1.1 O ENCONTRO COM UM OBJETO DE PESQUISA: AS TRILHAS DE UM PERCURSO ACADÊMICO.

No decorrer desse capítulo optamos por traçar a trajetória teórica e metodológica referente à construção de nossa pesquisa, contando com as reflexões e os encaminhamentos que envolveram esse processo. Para montarmos essa investigação foi necessário organizar passos e esses passos foram sendo dados de um lado para o outro, num constante repensar, até finalmente chegarmos a um objeto de nosso interesse: a cidade.

Segundo os historiadores a história pode ser concebida como uma experiência humana no tempo. Nesse sentido comecei a pensar no desafio que iria ter em narrar uma experiência humana, e fui percebendo nos estudos das disciplinas de Projeto de Pesquisa que o conhecimento sobre a história é historicamente produzido, construído a partir de um lugar, de um tempo, e de inquietações que se tem sobre o que se vive.

Dessa forma começamos a caminhada, passando a conceber nossos passos a partir das discussões em sala de aula, onde, inicialmente, tínhamos o desafio de encontrar um tema e defini-lo.

A escolha por um tema de pesquisa pode surgir de várias formas; pode se dar a partir de um interesse pessoal, existencial; pode surgir a partir de um debate já existente na academia sobre o mesmo; também, conhecendo os resultados de pesquisa existentes sobre aquele tema e pode-se identificar o conhecimento introduzido sobre o mesmo; e ainda sobre os discursos postos sobre tal assunto.

A princípio o que me instigou foi pensar e investigar o tema dos casamentos por raptos ou raptos consentidos. O mesmo foi escolhido a partir de uma inquietação pessoal que surgiu na infância, e me fez seguir com ele em mente na Academia.

Meus avós maternos casaram através de um casamento por rapto, onde minha avó por não ter o consentimento da família aceitou fugir ou mesmo ser raptada pelo meu avô; a fuga aconteceu à noite, de sua casa e eles passaram três dias fora. Logo depois voltaram para se casar. Sempre que os ouvia contar essa história ficava muito atenta e curiosa. Com o passar dos tempos à curiosidade foi aumentando ao perceber que naquela época onde tudo era tão rígido eles se arriscavam a fim de fazer o que desejavam.

Percebi que essa história não era isolada deles e que já haviam estudos que se debruçavam sobre essas práticas onde ocorria um acordo entre o casal e a mulher com a

promessa do casamento, ou gostando do homem era impedida pela família e aceitava fugir com o amado. Em alguns casos a família, quando estava sem dinheiro para fazer uma festa de casamento não tentava impedir, pois, o fato já serviria como uma desculpa para não fazerem a festa, porém os que eram contra esse ato diziam que suas filhas haviam sido raptadas e chegavam a abrir processos contra o raptor. Outros esperavam um tempo após a fuga até que as famílias concedessem e assim ocorresse um casamento em harmonia.

Existiam também as fugas que não davam certo, quando os pais conseguiam resgatar as filhas levando-as de volta pra casa castigando-as pelos atos, em alguns casos. Até a esposa era castigada por não prestar atenção nos fazeres das filhas, outras eram abandonadas pelo parceiro e voltavam pra suas casas passando a serem julgadas pela sociedade como “perdidas”.

Foi também a partir daí que surgiu a escolha pelo local da pesquisa (São José de Piranhas- PB), levando em conta que esses atos foram comuns em determinadas épocas e ocorriam principalmente em cidades interioranas como ela.

Com o tema escolhido resolvi dar o segundo passo em busca das fontes, que a principio poderiam ser orais e documentais com a busca por processos-crime de sedução, rapto ou defloramento, abertos pelas famílias alegando o rapto das filhas. Ao me encaminhar ao arquivo local nenhum processo foi encontrado e poucos depoentes foram encontrados sobre o tema.

Contudo não desisti e passei a fazer parte de um grupo de estudos sobre História das Mulheres. O mesmo, coordenado pela Professora Dra. Rosemere Olimpio, tinha como objetivo analisar teorias de gênero e história das mulheres e ir em busca de processos referente a raptos e defloramentos que eram o seu campo de estudo. Todas as semanas eram discutidos textos sobre o assunto e aos poucos percebi que aquela teoria não me atraía, não instigava mais a minha curiosidade sobre o tema.

Ao visitar o arquivo da cidade de Cajazeiras encontrei vários processos crimes sobre raptos, porém me vi sem ânimo para prosseguir em frente, já que queria que meu trabalho fizesse de alguma forma referência à “minha” cidade São José de Piranhas- PB.

Até aqui três disciplinas de Projeto de Pesquisa já haviam sido pagas, e resolvi não me matricular na quarta até que tivesse realmente a certeza do meu tema, de um tema que me desse prazer em escrever.

Passei então a procurar o que já haviam escrito sobre a história da cidade de São José de Piranhas. Visitei a biblioteca municipal e adquiri alguns livros que contavam sua história

desde os primórdios, como o do autor Deusdedit Leitão (1985), e outros memorialistas e historiadores filhos da terra.

Ao ler as obras fui percebendo que a maioria falava sobre o mesmo assunto: o surgimento da cidade e a necessidade de sua transferência de local. Alguns livros, ao iniciarem seus textos traziam o debate acerca da reinauguração da cidade de São José de Piranhas. Em outros detectamos uma ênfase sobre a história de seus bairros e até sobre sua história política. Todavia, nada sobre sua população, seus acontecimentos diários, a vivência de seus habitantes, e o desenvolvimento de suas formas urbanas.

Resolvi então entrar em um novo grupo de estudos, dessa vez sobre História das Cidades, coordenado pelo Professor Dr. Osmar Luiz da Silva Filho e percebi que a temática “cidade” já era debatida por alguns historiadores; que essa linha de pesquisa surgiu na UNICAMP nos anos 80 com a professora Maria Stela Bresciane e outros.

Ao nos inserirmos nesses debates e estudos percebemos que esses historiadores se lançavam sobre o objeto cidade guiados por vários pressupostos de análise. Uns eram referentes ao campo social da cidade, com eixos interpretativos vindos da história social e outros, com a influência de uma história cultural da cidade, com eixos vindos da história cultural e até uma confluência de estudos dos historiadores com os urbanistas bem como com os geógrafos.

Passei a entender que uma cidade tem transformações em sua cultura material e que o fenômeno da urbanidade é processual e que ele é construído em um tempo, com avanços e recuos, onde o tecido da cidade não é imóvel; pelo contrário ele é transformado. Em seu conjunto passamos a entender que a cidade é uma espécie de mosaico, com configurações sociais onde vários grupos se movimentam entre suas ruas e bairros, promovendo cruzamentos.

Portanto, no grupo de estudos, percebi que cabe a quem investiga a cidade estabelecer um rico debate teórico-metodológico e historiográfico. Foi a partir daqui que comecei a me debruçar sobre os estudos de história da cidade. Dentre muitos me aproximei pelos de Lewis Mumford (1998) onde encontrei um estudo das cidades ocidentais, de sua origem a IV séculos A.C até as cidades modernas. No que diz respeito às cidades da América espanhola e portuguesa, por sua vez, percebemos que as mesmas receberam a atenção de historiadores como Sergio Buarque de Holanda (1963), Nestor Goulart Reis Filho (1989), Maria Berthilde Moura Filha (2010) que exploraram abordagens sobre seus traçados e traços materiais, estudando o desenvolvimento de suas formas físicas. Além desses

encontramos vertentes ricas de interpretação em historiadores como Nicolau Sevcenko (1998) e Maria Stella Bresciani (1981) que investigaram as reformas urbanas, as experiências sociais e culturais na cidade, e a disputa dessa pelos diversos atores sociais, seus habitantes.

De posse dessas referenciais e reportando-se aos nossos interesses de pesquisa identificamos que havia então uma lacuna na história de São José de Piranhas, um campo aberto no qual eu poderia atuar. Dessa maneira fui notando que meu tema era rico em possibilidades de investigação, e que a cidade, como “fato urbano” é cheia de desafios e carrega em si construções, utopias e impasses.

Especificando ainda mais o nosso trabalho e nossas escolhas teríamos que delimitar nossas fontes e o recorte temporal, que são bases importantíssimas na elaboração da pesquisa.

Ao sair em busca das fontes, a princípio, documentos da Câmara Municipal, descobri que parte do arquivo havia sido queimado no antigo prédio da Câmara. Insistindo para consultar os que haviam sobrado de mais antigo me deparei com três Livros de Atas que iam dos anos 1970 aos 1990.

E aqui veio a nossa escolha e justificativa para o recorte temporal. Sabendo que o historiador sempre dirige um olhar sobre um tempo, o que nos levou a fazer a escolha do recorte foi então à viabilidade técnica da pesquisa em fontes a serem encontradas nessa temporalidade, décadas de 70 e 80, nas Atas da Câmara Municipal.

Ao garimparmos esses textos percebemos que essa temporalidade disponibiliza os discursos mais ricos de informações sobre a cidade. Junto com as fotografias que também correspondiam ao mesmo período, pensando no nosso objetivo em trabalhar com a memória dos habitantes, selamos um laço com a história oral que estava a nossa disposição.

Esse contato inicial com as fontes tem o seu fascínio, o seu encanto como nos afirma Carla Pisky (2005, p.24) diz que:

O abnegado do historiador encanta-se ao ler os testemunhos de pessoas do passado, ao perceber seus pontos de vista, seus sofrimentos, suas lutas cotidianas. Com o passar dos dias ganha-se familiaridade, ou mesmo certa intimidade com escrivães ou personagens que se repetem nos papéis.

Com as fontes em mãos e pensando que a investigação do historiador é processada por escolhas, e que não é possível abordar tudo de uma só vez, nos surgiu à ideia de investigar a memória e a construção do espaço sobre a vivência dos habitantes piranhenses. Como nos chama atenção José D' Assunção Barros (2005, p.9):

Até mesmo a escolha do lugar a ser alcançado ou visado não é mera questão de apontar o dedo para um ponto do mapa, pois este lugar deve ser também ele construído a partir da imaginação e da criatividade do investigador.

Todo esse percurso em localizar as fontes nos remeteu a um outro desafio, o de trabalhar com elas, problematizando as mesmas e pensando que “A fonte histórica é aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com o seu problema. Ela é precisamente o material através do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo”, Barros (2005, p.63).

No entanto as fontes também me pediam a complementação de um trabalho sobre os conceitos e concepções de realidade, sobre a cidade e isso gerou uma abertura para um novo encontro, que é o encontro com os restos do passado, com as ruínas dos anos 70 e 80 com os atos humanos legitimados naquele tempo, com os signos, com o mundo vivido naquela época, que não se vive mais. Comecei a perceber que esse trabalho de investigação ia implicar numa reconstituição do passado que é, por sua vez, cultural, porque o olhar do presente é sempre diferente quando olhamos pra trás, e temos que ter o cuidado de não deixar passar elementos e valores que são muito nossos para um tempo que não viveu aquilo, ou seja, precisávamos ser imparciais e para chegar a essa concepção muitos textos foram previamente discutidos e abriram janelas como os de Walter Benjamin (1892); Maurice Halbwachs (1990); Henri Lefebvre (2001). Maria Stella Bresciani (1991); Bernard Lepetit (2001), entre outros.

Ao final desse percurso nos sobrou um último desafio, que é o meu desafio como “narrador” de um mundo humano, específico, considerando de maneira específica, como muito próprio da natureza de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a cidade de São José de Piranhas - PB e sua memória-espaco nas décadas de 1970 e 1980.

1.2 ESCRITAS SOBRE AS CIDADES: JANELAS PARA A HISTÓRIA

São muitos os historiadores que pensaram o objeto de estudo cidade, fazendo com que ela venha a surgir e se afirmar como objeto formal de estudo. Nesse sentido esse objeto formal vai agregar vários interesses acadêmicos e os primeiros estudos vão focar sua evolução histórica ao longo dos tempos.

Um dos estudos que se debruçam sobre essa questão é o de Lewis Mumford (1998). Ele vai se preocupar em mostrar a gênese das cidades, com seu surgimento há quatro mil anos a.C na Mesopotâmia, e depois começa a defini-la e diferenciá-

la ao longo do tempo como “cidade antiga”, “cidade medieval” e “cidade moderna, industrial”.

Para ele a cidade é um conjunto de equipamentos estruturados fisicamente e espacialmente com a função de gerar moradias para os homens e mulheres, concentrar atividades religiosas, atividades econômicas e administrativas. Temos então a presença de casarios, templos, edifícios públicos, cemitérios, vias para escoar a produção econômica etc.

Dessa maneira, quando esses equipamentos estão arrumados espacialmente eles geram um fato urbano, concedendo a essa coletividade o abrigo, a segurança, a vida “civilizada”, fazendo com que os homens não mais dependam de formas provisórias de abrigo como acampamentos, esconderijos e cavernas.

Segundo o mesmo existiu historicamente um primeiro “germe” para a formação das cidades.

O primeiro germe da cidade é, pois, o ponto de encontro cerimonial que serve de meta para a peregrinação: sítios ao quais as famílias e os grupos de clã são atraídos a intervalos determinados e regulares por concentrar além de qualquer vantagem que possa ter certas faculdades “espirituais” ou sobrenaturais que passa ter faculdades de potências mais elevadas e maior duração de significado cósmico mais amplo do que os processos ordinários da vida. (MUNFORD 1998, p.16)

Nesse sentido a cidade surgiu cumprindo a “função” de centro religioso. Essa “função” de abrigar um templo para cerimônias foi expressiva na origem das cidades no mundo; a cidade na história superou novas experiências coletivas e novas funções sociais. Os hábitos de vida e suas funções econômicas atraíram de maneira cada vez maior o seu crescimento. Para disciplinar a vida de uma população cada vez mais crescente sediada na cidade foi também necessária à criação de uma lei e de uma ordem urbana, que era cada vez mais arranjada pela relação de seu crescimento físico e das ameaças que podiam desestabilizar seu ordenamento.

A questão religiosa, desta maneira, também se faz presente nessa construção da cidade. Os antigos costumes da cidade foram remodelados e chefes locais passaram a ser chefes sacerdotais.

Quando aconteceu tudo isso a arcaica cultura de aldeia cedeu lugar a civilização urbana essa peculiar combinação de criatividade e controle, de expressão e repressão, de tensão e libertação, cuja manifestação interior foi à cidade histórica. (MUNFORD, 1998, p.38).

Ao mencionar os primórdios das cidades Munford registra as funções que a cidade veio a cumprir na história, que são a administrativa, por vezes um centro de peregrinação religiosa com os templos, como também uma função comercial e de distribuição de mercado.

A sociedade passa por diversas mudanças quando tenta realçar suas ações, tendo em vista as transformações urbanas, que ultrapassam as aldeias e os pequenos núcleos habitacionais, com isso passava a ser um “novo mundo”, um mundo simbólico que para Munford (1998) era também o mundo representado pelo povo, pelo cosmo e seus deuses. Considerar também que a cidade ou as cidades, eram cheias de imperfeições e desafios:

Na verdade a cidade visível, a cidade tangível, era cheia de imperfeições: as desordens do crescimento, as fermentações e secreções da vida, os restos não enterrados de formas superadas, ainda não decentemente removidos as relíquias e modos rurais ainda não se ajustavam às contínuas provas e desafios da vida urbana. (MUNFORD, 1998, p.178).

Depois de várias gerações e tempos históricos as cidades vão assumindo várias formas. Essa mudança acontece também, e de maneira correspondente, em seus cidadãos que acompanham a formação de uma nova ordem urbana, abandonando e modificando suas rotinas e adotam novas práticas com a industrialização, por exemplo, que vem mudar o tecido urbano e o cotidiano dos homens.

Além dos primórdios das cidades os pesquisadores passaram a visualizar também outras abordagens.

Os historiadores brasileiros, ao estudarem as cidades, geraram interesse sobre alguns temas entre eles as reformas urbanas, onde temos estudos como os de Nicolau Sevcenko (1992) sobre o Rio de Janeiro, Antônio Paulo Rezende (1997) analisando as reformas urbanas em Recife, Silva Filho (1999) acerca das reformas urbanas em João Pessoa, etc. Esses historiadores agregaram em torno de seus estudos vários interesses, como o novo esquadramento espacial da cidade, advindo das referidas reformas e o conjunto de interesses que arrumava populações em novos espaços por exigência do Projeto Moderno.

Os historiadores deitaram âncora também sobre outras ênfases como a pulsação social existente na cidade, uma vez que por meio nessas reformas muitas pessoas perdiam seus casebres, na competição humana, na agregação e desagregação de pessoas que eram conduzidas a lugares estratégicos da cidade.

Esses estudos ganharam uma inspiração inicial!

Dentre os estudos gerou inspiração sobre as reformas urbanas está o de Maria Stella Bresciane (1982) quando ressalta as mudanças nas cidades de Londres e Paris ainda no século XIX.

Figura 1 - A cidade milenar, antes cercada por muros e repleta de ruas estreitas características de um crescimento orgânico medieval, foi completamente reformulada.



Fonte: Disponível em: <<http://www.historiaillustrada.com.br/2014/07/beleza-historica-em-todos-os-angulos.html>> acesso em 14 de abr. de 2018.

Maria Stella Bresciane (1982) nos revela as tramas do século XIX nas cidades de Londres e Paris, onde a mesma caracteriza o século por milhares de pessoas nas ruas, em movimentos mecânicos nas maiores metrópoles da Europa.

Gestos automáticos e reação instintiva em obediência a um poder invisível modelam o fervilhante desfile de homens e mulheres e conferem à paisagem urbana uma imagem frequentemente associada às ideias de caos, de turbilhão, de ondas, metáforas inspiradas nas forças incontrolláveis da natureza. (BRESCIANE, 1982, P.10)

A mesma ressalta os estudos de Walter Benjamin com relação ao olhar sobre a cidade em um século cheio de mudanças, onde os caminhos a pé sedem lugar ao transporte coletivo, onde a fábrica surge como elemento ameaçador à paisagem; onde surgem os bairros operários e as “Passagens”. Segundo a autora, ao observar essas mudanças é possível assistir a um

espetáculo, já que as noites escondem várias tramas, mistérios e misérias, diferentes do espetáculo do dia; com catadores de lixo, prostitutas e ladrões ela cita que: “Nas ruas de Paris o assalto dos ladrões se assemelha ao ataque de índios; o ruído da cidade lembra o irritante incontrolável e ininterrupto zunir de uma comei-a de abelha.” (BRESCIANE, 1982, p.14).

O século XIX trouxe o luxo e também trouxe o caos e a miséria, a vida na cidade já abandonara os costumes do campo com a rotina calma e cedia lugar aos agitos e a um novo tipo de personagem: o flâneur¹.

Bresciane (1982) nos mostra que Londres em meados do século XIX havia se tornado um caos devido a grande industrialização e imigração que a cidade recebera. Isso fez com que a cidade tivesse um crescimento desordenado causando desemprego e falta de planejamento das casas; com isso a cidade que era símbolo da civilização passava a apresentar outra face, o sacrifício da vida da maioria de seus habitantes.

Percorrendo as ruas principais da metrópole, Engels se vê constrangido de abrir passagem através da multidão e das intermináveis filas de carruagem e carroças constrangimento esse que aumenta quando ele chega aos bairros ruins e conclui que os londrinos se viam obrigados a sacrificar a melhor parcela de sua qualidade de homens na tarefa de atingir todos os milagres da civilização. (BRESCIANE, 1982, P.23).

Através dos relatos de Engels a autora evidencia o quanto aquela multidão era solitária e distinta uns dos outros. Pareciam desacreditados de que todos possuíam as mesmas capacidades e interesses em buscar melhorias. Esse emaranhado de pessoas em Londres era dividido de maneira evidente. Havia os bairros de operários, que abrigavam um número excedente de família que geralmente eram desconhecidos pelos londrinos.

Nesses centros de Londres, numerosas ruelas de casa miseráveis entrecruzam-se com as ruas largas das grandes mansões e os belos parques públicos; essas ruelas lotadas de casas abrigam crianças doentias e mulheres andrajosas e semimortas de fome. (BRESCIANE, 1982, p.25).

Bresciane mostra em seus estudos que é perceptível notar que nem sempre a industrialização e a modernização nos grandes centros trazem o conforto a toda a população, mostrando os vários lados e traços que incorporam uma cidade e as mudanças objetivadas nelas.

¹ O Flanêr é um personagem criado para fazer uma crítica ao capitalismo e a modernidade de Paris considerada a paisagem para o Flanêr que vaga pelas ruas e recorda os pontos antigos da nova cidade em uma embriaguez com as mudanças feitas na cidade. Ele se distancia do passado e passa a vagar em uma selva social a qual foi fixado.

A recepção de suas ênfases teóricas aparece nos estudos sobre as cidades brasileiras como o Rio de Janeiro onde as reformas começam ainda ao final do século XIX. É que os terrenos irregulares da cidade prejudicavam o desenvolvimento da mesma e as reformas urbanas vêm a surgir com propostas de incorporação de um modelo: o do aperfeiçoamento europeu que incluía desde mudanças físicas na cidade como higiênicas com melhorias que propagandeavam o bem estar da população.

Para Needell (1993) os brasileiros viam como civilizadas as cidades como Paris e Londres e buscavam aplicar os exemplos desses grandes centros no Rio de Janeiro.

Havia muitas mudanças para executar como sistemas de saneamentos precários, ex-escravos pelas ruas e várias doenças.

O governo de Campos Sales (1898-1902), como foi explicado marcou o início de uma nova era. Garantia a consolidação política, foram levantados empréstimos em Londres e o governo reafirmou a necessidade da penetração europeia e o seu propósito de encorajá-la. (NEEDELL, 1993, p.54).

Pereira Passos prefeito do Rio de Janeiro elaborou e planejou mudanças para a cidade, colocando várias dessas mudanças em prática como as demolições no centro da cidade a construções e alargamentos de ruas. Assim foram se desenvolvendo e se modificando com influências europeias.

Na Paraíba o final do século XIX foi de muitas construções e reformas a exemplo de escolas, serviços de iluminação abastecimento de água, construção de equipamentos como praças e reforma do porto, perfazendo um cenário moderno para a cidade. Esse novo cenário não impedia a capital de conviver com outros males que atingiam a esfera pública.

Todavia a cidade ainda se deparava diante de fatos como uma epidemia de varíola que grassava com intensidade e o imposto sobre o gado que atingia o estado de forma cáustica. Resultou daí, as intenções de que cereais e outros gêneros pudessem escoar até a cidade para a exportação desejada em larga escala. (SILVA FILHO, 1999, p.165).

No nordeste a ferrovia, como equipamento moderno, visava unir o estado com ligações da capital ao sertão do estado com intermediários comerciais e de auxílio para eventuais precisões como a seca, que segundo o autor tinha o objetivo de neutralizar a ingerência pernambucana no espaço regional paraibano.

Entretanto, o desenho das ferrovias no final da primeira década do século XX na Paraíba revelava cada vez mais o comprometimento e a necessidade de se enquadrar, decisivamente o espaço da cidade e as áreas que a relacionavam, num projeto maior, um projeto modernizador, idealizado para a capital. (SILVA, 1999, p.171).

A higiene passou a fazer parte do contexto urbano da Paraíba e viu-se a necessidade de um sistema moderno de água potável e de saneamento para reduzir possíveis focos de doenças como a varíola.

A população passou a mudar os hábitos com novas formas de se vestir e novos hábitos e isso foi possível devido, segundo o autor à situação da indústria e do comércio que gerava oportunidades de emprego. Além das pessoas as mudanças também eram vistas nos prédios e nas fachadas das casas, nas ruas onde não se notava mais a presença de animais.

Esses historiadores brasileiros, que abordaram em seus estudos o tema das reformas urbanas, configuraram seus relatos caracterizando o fenômeno urbanizador com interpretações na linha da história cultural, tentando captar na especificidade de cada um desses estudos o fenômeno cultural retido na cidade.

Isso nos sugeriu empreender um trabalho com esses eixos de construção e interpretação teórica. Podemos perceber que os condicionamentos culturais, sociais e materiais, enfim, históricos estão colocados na vida urbana e suas referências concretas na experiência humana pautam um conjunto de questões relevantes e de desafios para os historiadores.

Recai sobre nós o seguinte questionamento: Quais eram os desafios das reformas urbanas brasileiras nesse período do início do século XX? E uma resposta é: As cidades teriam que ser colocadas como modelo de progresso, do lazer com passeios públicos, seria também as cidades do espetáculo, pois elas teriam que abordar as novidades técnicas, com vias urbanas bem esquadrihadas, para receber os automóveis, estações ferroviárias para receber os trens, os portos modernos para receberem grandes navios.

Essas questões fizeram com que os historiadores construíssem narrativas em torno das sensibilidades, das mudanças urbanas e até buscassem novas fontes de pesquisas para construir essas narrativas como a literatura, a poesia, as crônicas, as fotografias.

Nessa escrita da história das cidades o historiador consegue, colocar presente na historiografia a vida urbana e como ela organiza seus diferentes espaços, como ela organiza a população e tenta alocar socialmente essas populações relacionando também as classes

sociais, passando a incorporar lembranças, recordações e tempos construídos pelos habitantes.

Contudo é necessário considerar o entrelaçamento, o entrecruzamento de biografias e de fluxos sociais nas cidades como sendo algo elementar e de fundamental importância, pois é necessário considerar a trajetória de vida das pessoas, separada e coletivamente para se ter ideia da pulsação de vida nas cidades. Olgária Matos (1994, p.44), diz que “A história individual e a coletiva são inseparáveis, a rua lateja fora e dentro daquele que vai percorrê-la”.

As cidades possuem em si várias paisagens e cruzamentos que a toram um grande espaço a ser lido e compreendido pelo historiador e sobre isso Raquel Rolnik (1988) chama nossa atenção para o fato de que a cidade retém uma paisagem diferenciada de sua materialidade, e isso deve investigar o historiador ao escrever sobre o que essas formas geométricas contêm, o que elas anunciam e o que elas simbolizam: “o desenho das ruas, das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram denota o seu mundo” (ROLNIK, 1988, p.17).

A mesma define a cidade como um imã que atrai, reúne e concentra os homens. Construir uma cidade é uma forma de empilhar tijolos e fazer formas geométricas; é também uma forma de escrita. Sendo assim a estrutura da cidade também pode revelar muito sobre ela. É como se ela fosse um imenso alfabeto onde se montam e desmontam frases.

Com isso os historiadores foram promovendo através dos seus escritos cruzamentos de questões, analisando os cruzamentos de espaços e as efervescências sociais.

Dessa forma o que foi sendo construído e tematizado pelos urbanistas foi incorporado também pelos historiadores para uma revisão e debate, já que os urbanistas pensaram a cidade no ponto de vista da sua configuração geográfica e racional, dividido, metrificado, com ruas, bairros e equipamentos e os historiadores se utilizam dessas questões para pensá-las através de outra lógica. Pelos historiadores são pensadas a eliminação de ruas tortuosas durante as reformas urbanas; porque há tanta preocupação do poder público em eliminar os espaços mal vistos onde moram as classes trabalhadoras; como pensam as construção das casas populares, fazendo com que sejam elaborados planejamentos que muitas vezes mudam essas residências de setor espacial; como são pensados os mecanismos de confortos que estão sob a superfície da cidade etc.

Queremos dizer com isso que o historiador tem se interessado por várias outras questões que vão além do cenário físico da cidade, problematizando e incorporando esses

temas sob diversas perspectivas metodológicas tanto da história cultural, como da econômica e da social.

Esses estudos abriram janelas para os estudos históricos e trouxeram toda a novidade de estudos sobre as cidades, se preocupando ainda com a experiência humana, pensando pelo ponto de vista do habitante, dando voz ao mesmo para que ele como morador da urbe se posicione sobre seu funcionamento.

O historiador então começa a se perguntar sobre a imaginação do habitante da cidade e a maneira pela qual essa imaginação sempre desperta o habitante para uma cidade melhor, pois em qualquer tempo e espaço há sempre uma utopia posta pelo habitante.

Outro aspecto observado pelo historiador é a presença das elites, que governam e se dirigem para os poderes das cidades. São essas elites que planejam e dirigem a cidade.

O historiador vai buscar os novos sentidos que são postos à cidade, já que o cenário urbano é multifacetado, não é uniforme, não é homogêneo. É nesse cenário que ele encontra tanto o modernismos como o arcaísmos, nos monumentos, nas imagens produzidas, nos hábitos, no consumo, na produção.

É nesse sentido que o historiador acaba perseguindo essas várias trilhas, criadas pelos homens na cidade e ele percebe que muitas delas são inventivas e outras fazem parte de uma verdadeira aventura que acabam mostrando um cenário inacabado, pouco construído de desenvolvimento, de civilização e que nos convida a abrir portas para novas investigações.

O nosso estudo sobre São José de Piranhas foi pensado no conjunto desse debate historiográfico posto pela academia, objetivando responder como uma cidade regular e planejada que nasceu nos anos 30 do século passado e se desenvolveu ao longo dos anos, principalmente nos anos 70 e 80, que recortamos. Para tanto colocamos o seguinte problema de pesquisa: de que modo podemos identificar a memória-espço dos habitantes sobre a cidade de São José de Piranhas, a partir de suas vivências na *urbe*? Como a cidade tem combatido seus problemas públicos.

CAPITULO II: A CIDADE COMO CENTRO ADMINISTRATIVO

2.1 SÃO JOSÉ DE PIRANHAS MEMÓRIA- ESPAÇO DA CIDADE

Identificaremos aqui à memória-espço da cidade de São José de Piranhas-PB durante as décadas de 1970 e 1980, a partir da vivência de seus habitantes. Tratando assim não só do desenvolvimento material da cidade como da fabricação da memória dos habitantes piranhenses.

São José de Piranhas é uma cidade pequena que se localiza no sertão da Paraíba, com clima típico da região e como outras conta sua história a todo o momento, seja na sua estrutura, seja na memória de seu povo.

É evidente o paralelismo que existe entre a possibilidade de empilhar tijolos definindo formas geométricas e agrupar letras formando palavras para representar sons e ideias. De este modo construir cidades significa também uma forma de escrita. (ROLNIK, 1988 p.16).

No dia 1 de janeiro de 1937 era reinaugurada a cidade de São José de Piranhas depois de seu processo de transferência² de local, a nova cidade estava lá, cercada por um anfiteatro de morros banhada pelo sol, chamada pelos poetas de princesa dos montes, tendo como limites Cajazeiras e Cachoeira dos Índios ao Norte; Carrapateira e Águia a Leste; Monte Horebe e Serra Grande ao Sul e Barro – (Ce) a Oeste.

² A cidade foi emancipada em 1885 no ano de 1909 o governo Federal lançou um programa de combate à seca no sertão, no qual construiria vários açudes, o projeto de construção do açude de boqueirão que viria abastecer várias comunidades e cessar a seca que ameaçava o sertão, previa o inundamento da cidade de São José de Piranhas. A cidade então teria que ser reprojeta e transferida de local de forma que atendesse a demanda popular. O local escolhido foi o povoado de Jatobá.

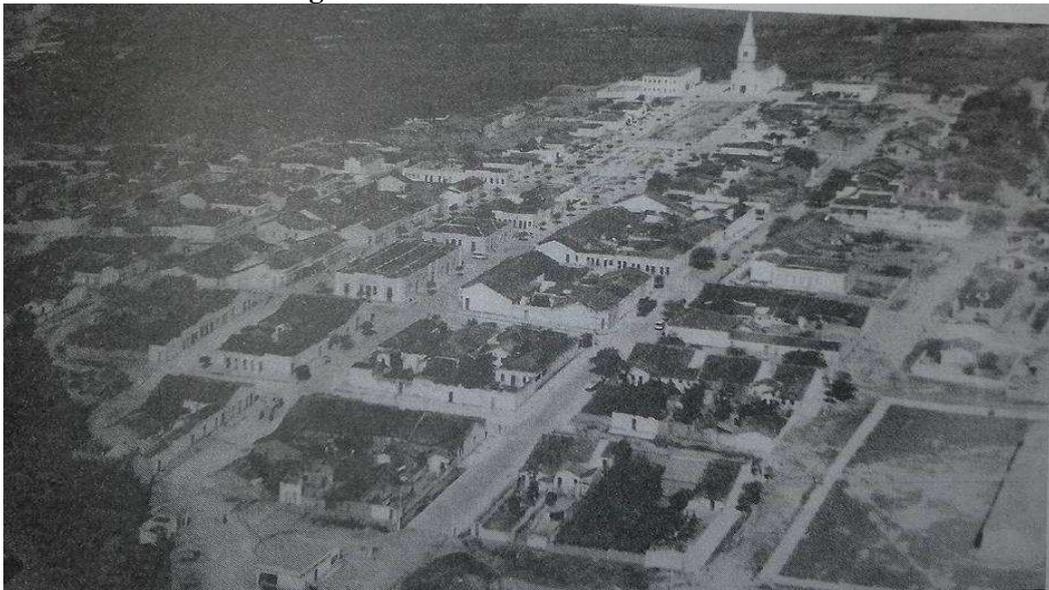
Figura 2 – Imagem aérea da cidade de São José de Piranhas datada de 30.10.2017



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/marconicruzesouza>>.

Sua forma urbana era graciosa e singela ao mesmo tempo em que era planejada e racional, em sua inauguração já possuía diversos equipamentos urbanos, entre eles, o prédio de prefeitura, câmara municipal, fórum, correto, telégrafos, mercado público, açougue, matadouro, cadeia, delegacia, cemitério e igreja sendo a mesma até hoje ponto turístico da cidade, de sua torre é possível apreciar toda a exuberância da cidade.

Figura 3 - Vista aérea da cidade no ano de 1974



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/valmir.lira.7/media_set?set=a.472542689502240.1073741835.100002395396642&type=3>. Acesso em 22 de set. de 2016.

Construída nos anos 30 (após a transferência) é perceptível notar nessa imagem dos anos 70 uma cidade processando a modernidade, que seguiu as reformas urbanas adotadas no Brasil durante o século XX, com ruas e quarteirões largos semelhante também as cidades construídas sob o domínio espanhol que usavam o modelo das quadriculas³, com uma praça central próxima a igreja. Nota-se que houve planejamento em sua estrutura, e que comparado as figuras 1 e 2 ainda hoje possui o mesmo traçado, se destorcendo nos arredores a medida que cresce.

2.2 DESENVOLVIMENTO URBANO E SOCIAL DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS NO ANOS DE 1970

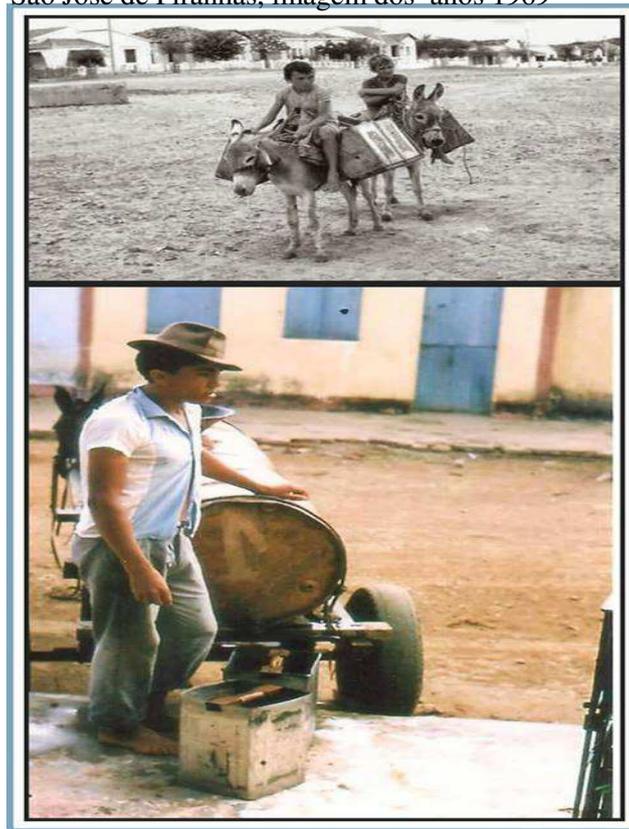
Segundo Monte- Mor (2006, p.17 apud Silva, 2012, p. 45).

A partir dos anos setenta a urbanização estendeu-se virtualmente ao território nacional, integrando os diversos espaços regionais a centralidade urbano-industrial que emanava de São Paulo desdobrando-se na rede de metrópoles regionais, cidades médias, núcleos urbanos afetados por grandes projetos industriais, atingindo finalmente as pequenas cidades nas diversas regiões em particular onde o processo de modernização ganhou uma dinâmica mais intensa e extensa.

É perceptível notar que em meio a tantas transformações ocorrendo no Brasil que a cidade de São José de Piranhas foi atingida mesmo que indiretamente nesse processo de modernização principalmente com relação ao seu ordenamento espacial, regular e projetado prevendo situações de crescimento populacional e com os ganhos de equipamentos em termos de infraestrutura urbana a exemplo de seu abastecimento de água que só chegou a ser inaugurado em 1971.

³ Quadricula era o traçado adotado pelos espanhóis em suas colônias na América, efetuados com base nas “ordenanzas” na política urbana do Rei Felipe II esse traçado tinha como base o romano com ruas lineares que se interligavam de norte a sul, com quarteirões largos e em ângulos de 90°. Nesse período também durante a união Ibérica eram recebidas e passavam pelo Brasil.

Figura 4 - Abastecimento de água na cidade de São José de Piranhas, imagem dos anos 1969



Fonte: disponível em:

<https://www.facebook.com/valmir.lira.7/media_set?set=a.472542689502240.1073741835.100002395396642&type=3>_ Acesso em 22 de set. de 2016

Antes disso a cidade era abastecida de forma manual pelos próprios moradores ou com auxílio de animais.

[...] O crédito a que se refere o artigo anterior será utilizado para pagamento a “CAGEPA” companhia d’água e esgoto da Paraíba, em quatro (4) parcelas iguais e mensais destinado a complementação das despesas com o abastecimento d’ água dessa cidade conforme convenio celebrado com a referencia digo referida companhia. (Ata municipal de São José de Piranhas Livro nº001 Início 06/1969 a 0/1972. P.36).

Recorrendo a memória dos habitantes entrevistados moradores da cidade na época, usando como base a teoria de Halbwachs (1990), o mesmo nos diz que a memória individual parte sempre da coletiva posto que todas as lembranças são constituídas no interior de grupos específicos, nesse caso a memória individual é construída a partir das referências e lembranças, próprias de um grupo e refere-se portanto, a um ponto de vista sobre a memória coletiva. “Temos frequentemente repetido, a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente”. (Halbwachs 1990, p. 75).

As lembranças dos depoentes convergem sobre esse episódio da chegada água e formam uma memória coletiva onde eles relatam a forma como faziam para abastecerem suas casas.

Antes eu me lembro que o povo pegava água, nuns canto que tinha, cansei de vê, meu pai morava ali em baixo, no ano de 70 meu pai pegava muita água ali por trás, que ali por trás era um sitio, ali não tinha casa não, ali, já era entrando no sitio de dona Dom Dom, sempre vinha água de lá, e eu via muita gente comprando água, comprava água, naquele tempo ou a pessoa mesmo ia butar ou comprava. (CAVALCANTE, Entrevista 08.04.2018).

A entrevistada Vanderlita de Meneses complementa o que diz a senhora Rosemare Cavalcante da seguinte forma:

Era carregando água em jumento, nas ancoretas e como eu disse era carregando água na cabeça também, no galão, no ombro, na cacimba do rio que passa aqui perto nas terra do senhor mané bala e Joãozinho Braz , quem queria água tinha que ir lá pra cacimba esperar numa fila danada, enchia os galão que era duas lata amarrada por uma corda num pau no ombro e trazia pra casa. Acho que essa cabeça chata foi de tanto carregar água na cabeça. (MENÊSES, Entrevista 06.04.18).

A cidade era abastecida por água que vinha de cacimbas, barragens ou pequenos açudes que ficam próximos, além dos animais que serviam como auxílio no transporte utilizavam também galões e latas como relatam os entrevistados acima.

Lefebvre (2001) faz uma análise do espaço urbano a respeito da cidade e das estruturas que ela abrange que são: econômicas, políticas, culturais e etc., onde, passado e presente não se separam e a partir do momento em que deixamos de entender a cidade como um espaço em constante transformação, ou seja, quando paralisamos determinada ideia da cidade nós não permitimos que ela sofra o processo histórico que é construtivo a ela. “[...] Impossível considerar a hipótese da reconstituição da cidade antiga; possível apenas encarar a construção de uma cidade, sobre novas bases, numa outra escala em outras condições numa outra sociedade”. (LEFEBVRE, 2001, p.106).

2.3 ARRUMAÇÃO ESPACIAL NA MEMÓRIA DOS PIRANHENSES

Pensando a arrumação espacial da cidade de São José de Piranhas, devido sua transferência suas construções são recentes dos anos 30, quando construída a maioria de seus equipamentos administrativos se localizavam próximos ao centro da cidade, os mesmos se

remodelaram com o passar dos anos, a cidade se faz nesse sentido como diz Munford (1998) um centro administrativo, onde seus habitantes resolvem problemas e negócios ao mesmo tempo que encontram lazer e diversão.

No centro da cidade de São Jose de Piranhas tínhamos nas décadas de 70 e 80 a presença de vários casarios em volta de sua praça juntamente com a prefeitura e a câmara municipal, a praça comportava a maioria dos eventos oferecidos na cidade nesse período, tínhamos também a presença de mercado público, prédios comerciais, clubes de festas e rodoviária⁴, moderna para a época, muitos dos mesmos não podem mais ser encontrados na mesma localidade devido a mudanças e construções recentes, o que a população julga como perda.

Sobre isso o autor Lepetit (2001, p. 148) apud Maurice Hobwachs nos explica as relações e mudanças sociais no urbano onde ele diz: “A forma de uma cidade pode mudar mais depressa que o coração dos homens” a sociedade admite todas as formas de mudança desde que interessem aos homens de hoje, já que o território é uma memória e seu conteúdo é constituído de formas. As mudanças ocorridas na cidade para os habitantes que viveram e desfrutaram da cidade no período 70 e 80 evidenciam que a mudança só é bem vinda quando acompanhada de melhorias para toda a cidade principalmente quando se faz relação com sua paisagem física, quando questionados os entrevistados sobre as mudanças ocorridas no centro da cidade à opinião foi:

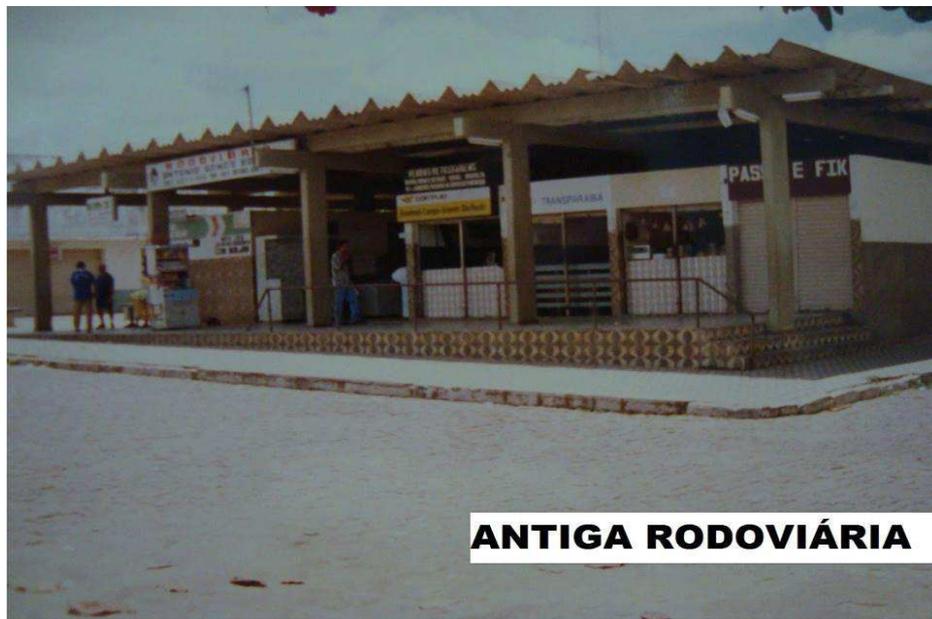
[...] a estrutura da cidade ainda da um norte assim de muita coisa, as ruas ne, só as construções de prédios que eles modernizaram que hoje os prédios quase tudo são de primeiro andar, nesse centro aqui mesmo quase não existia, eram uns casarões antigos e o que eu acho que poderia ter continuado era a questão do terminal rodoviário porque não era necessário ter tirado esse terminal rodoviário, daí porque servia também de uma espécie de praça de alimentação, tinha restaurante tinha lanchonete e os ônibus passam aqui sempre pelo centro e nunca atrapalhou a questão de ser aí uma rodoviária, e a estrutura muito bonita muito boa que foi feita a reforma, mas, o prefeito Luiz Alberto fez uma estrutura que se tivesse continuado ainda hoje acho que tava, ela ainda esta atualizada servia para os dias atuais, não tinha porque ter tirado a rodoviária ai do centro (CAVALCANTE, Entrevista 08.04.2018).

Seguindo a mesma linha a entrevistada Maria Dolores nos prestou o seguinte relato:

⁴ A rodoviária da cidade possuía equipamentos radiofônicos, lanchonetes, empresas de ônibus, banheiros e praça, segundo as atas municipais nos anos de 1972 foram feitas a aquisição de equipamentos rodoviários que posteriormente foi inaugurada e até o anos de 1989 foi destinada verba para sua estrutura.

Mudou porque ela se expandiu né? Como cidade como um centro urbano, cresceu mudou muito, com certeza deveria ter se conservado inclusive é uma coisa que nos da tristeza é isso porque São José de Piranhas não tem um passado histórico com relação a prédios e construções, e isso entristece a gente porque casas residenciais antigas acredito que poderiam ter sido tombadas, para poder a gente ter o que mostrar não é? Quem tem fotografias do passado mostra e quem não tem? Outro dia fiz um trabalho com uma turma a gente foi fazer uma excursão aqui pelos pontos principais da cidade atrás de prédios antigos, mas nós praticamente não encontramos o que mostrar a esses alunos. (NASCIMENTO, Entrevista07. 04.18).

Figura 5 - Antiga rodoviária da cidade de São José de Piranhas no ano de 1980 localizadas no centro da cidade, demolida e substituída por prédios comerciais no ano 2005.



Fonte: Disponível em:

<https://www.facebook.com/valmir.lira.7/media_set?set=a.472542689502240.1073741835.100002395396642&type=3> Acesso em 22 de set. 2016.

Figura 6 - Casarão do ex-prefeito da cidade Joaquim Lacerda Leite que ficava situado em frente à praça da cidade de São José de Piranhas, o mesmo era tido pela população como prédio histórico da cidade.



Fonte: Disponível em:

<https://www.facebook.com/valmir.lira.7/media_set?set=a.472542689502240.1073741835.100002395396642&type=3> Acesso em 22 de set. de 2016.

Para os habitantes entrevistados sem exceção, a cidade deveria ter mantido conservado desde casarios antigos, que haviam no centro como o do ex-prefeito Joaquim Lacerda até o terminal rodoviário tido por eles como ponto de lazer da cidade equipado com restaurantes, bares e praça, moderno até para os dias atuais, sem os mesmos a cidade quase não possui prédios antigos e o que temos hoje é apenas a igreja católica já reformada algumas vezes.

Os historiadores têm anunciado através de suas pesquisas sobre o urbano que a cidade é o lugar da produção humana, da moradia, da utopia e dos sonhos dos homens, além de ser centro administrativo, político e de produção cultural, a isso se soma a importância do habitante e das narrativas de suas vivências na urbe, já que são eles os autores que elaboram e recriam suas vivências e sonhos na cidade.

Segre (1992, p. 102) diz ainda que a modernidade trouxe consigo a construção em massa, a extensão suburbana e a demolição dos ambientes históricos. “Uma epidemia capaz de apagar de nossa memória qualquer estilo arquitetônico e qualquer ambiente cultural.”

E ao falar sobre as estruturas físicas das cidades é necessário pensar que elas são constituídas, sobretudo pelas suas ruas, são as ruas que conduzem os habitantes, que se cruzam e ligam os bairros e que servem como referências de uma cidade. E o nome que se dá a elas tem grande relevância, o que nos faz pensar como foram definidos e que importância

certos nomes tinham no momento de suas escolhas que os caracterizavam de forma positiva ou negativa.

Para Walter Benjamin (1892) a paisagem da cidade é construída a partir de um olhar, das vivências dos habitantes e de pontos de referências que de modo geral constituem a cidade. Com isso as ruas, seu nomes, nomes de praças e a forma como foram enumeradas as casas, os projetos para trocas de nomes, define que a rua tem sua importância. “[...] E, de fato, nomes de ruas são em tais casos substâncias inebriantes, que tornam nossa percepção mais rica em esferas e camadas.” (BENJAMIN, 1892-1940, p.559).

De acordo com a análise das atas municipais percebemos que em São José de Piranhas foram preferidos os nomes de pessoas, e que as ruas com nome de datas nesse período foram substituídas na cidade. Ao nomear uma rua com o nome de um cidadão estamos deixando-o na memória de seus habitantes, e na memória ficam os vencedores, percebemos então que nesse período na maioria das vezes os nomes escolhidos foram os de pessoas que contribuíram de alguma forma para a cidade, entre eles prefeitos, padres, professores e médicos.

ART. 1º Fica denominado Rua Padre Nicolau Leite, a rua que passa rumando de norte a sul por trás da igreja matriz desta cidade, localizada sua maior parte em terreno do padroeiro São José. ART 2º Essa lei entrava em vigor na data de sua publicação revogada as disposições em contrario. Justificativa: O vereador Sebastião de Araújo em sua justificativa diz que o padre Nicolau Leite foi vigário da paróquia de São José de Piranhas a partir de 1916 quando fez o casamento religioso de seu pai e o batizou e continuo vigário deste município por vários anos chegando a sair para outras paróquias por algum tempo, voltando a nossa cidade e continuando por aqui pregando com amor a religião católica. (Ata municipal de São José de Piranhas, Livro nº2 Início 10/1978 a 08/1986. p.3).

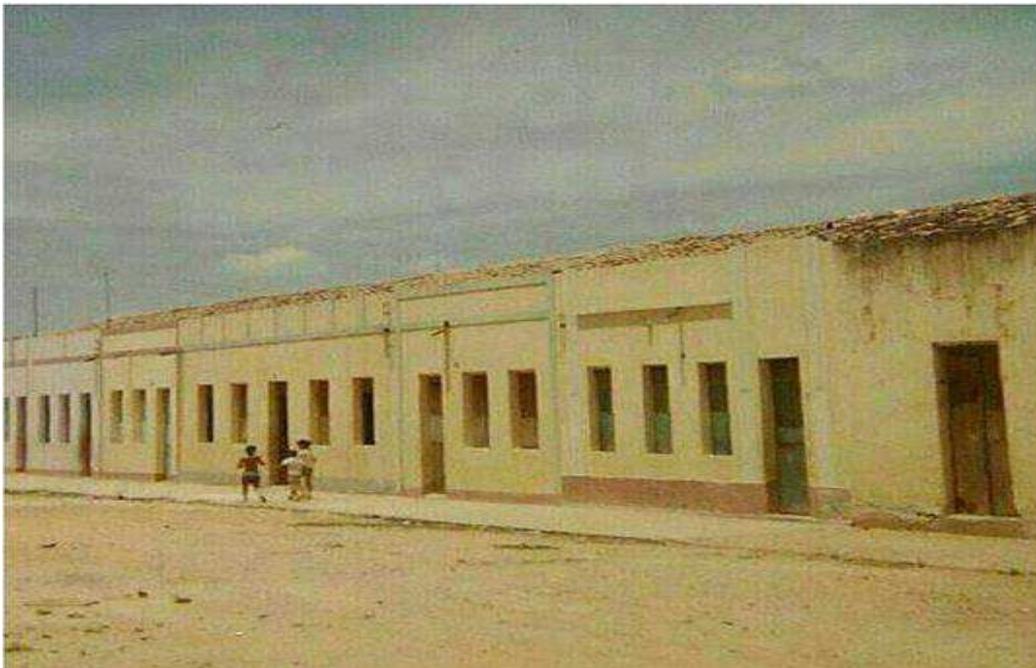
Benjamin (1994) nos convida a “narrar” a cidade, suas ruas, seus lugares de memória para os habitantes, sua materialidade e sua aura, pensando nisso observamos que nos anos 1980 ainda havia ruas do centro da cidade para serem calçadas como afirma o vereador Sebastião de Araújo ao solicitar o calçamento da Rua Sabino Cipriano. “Solicito a continuação do calçamento de diversas artérias da cidade a Rua Sabino Cipriano a começar da rua onde está a secretaria de educação”. (, Livro nº2 Ata municipal, 1980, p.28).

Boa parte da população de São José de Piranhas naquela época vinha da zona rural e os que moravam no centro com ruas sem calçamento permaneciam com seus terreiros na frente de casa às vezes com poeira às vezes com lamaçais, os calçamentos dessas ruas eram

constantemente solicitados nas reuniões da Câmara, porém enquanto não eram aprovados ou não chegavam era feito recapeamento das mesmas com uso de tratores.

Solicitação ao Senhor Prefeito. Solicito a Vossa excelência que seja autorizado o tratorista a fazer a terra planagem do bairro alto da boa vista, começando da cadeia publica desta cidade, indo até a estrada que liga São José de Piranhas a Cajazeiras nas proximidades do armazém da serragem apelo neste sentido faço devido àquelas artérias se encontrarem totalmente esburacadas. (Ata Municipal Livro nº1 19/02/1976 p.128).

Figura 7 - Rua Sabino Cipriano no ano de 1969 antes de seu calçamento.



Fonte: Disponível em:

<https://www.facebook.com/valmir.lira.7/media_set?set=a.472542689502240.1073741835.100002395396642&type=3> Acesso em 22 de set. de 2016.

Para a geração piranhense que viveu nas décadas de 1970 e 80 na cidade era comum ver animais de carga vagando pelas ruas e “estacionados” em determinados pontos principalmente em dias de feira livre, já que representavam o transporte da população rural para se deslocarem até a cidade. Para as novas gerações isso se tornou incomum, e quando acontece tornam se imperceptíveis, sobre isso Nicolau Sevckenko (1998) diz que:

O fato de que as gerações posteriores, cujos representantes já nasceram após a consolidação desse processo e portanto foram acostumados desde pequenos a esperiencia das velocidades tecnologicas, consigam distinguir e interpretar as paisagens que vislumbram em movimento, é bastante revelador da capacidade humana para assimilar-se e adaptarce aos efeitos desorientadores dos novos recusros e potencias. (SEVCENKO, 1998, p.517).

Assim como o Flanêr descrito por Walter Benjamin (2009, p.461) fazemos o papel de detetives que vagam pelas ruas e observam as mudanças feitas pelo tempo e pelos homens nas cidades “A rua conduz o Flanêr há um tempo que desapareceu”, ou seja, que não representa mais o seu passado particular.

Pra mim foram anos muitos bons, porque a gente tinha muito acesso a viver solta a brincar em rua, assim, era tempo de criança ne, eu lembro que nem todas as ruas eram calçadas, eu lembro que a gente morava ali... na rua da banda de música e eu lembro que foi quando começaram a fazer os calçamento aqui, ave Maria eu achava a coisa mais linda, porque era as ruas tudo esburacada, quando vinha aquele pessoal botar os calçamento a gente via a diferença de quando a gente brincava nas ruas de terra, e depois ia brincar nas ruas calçadas, era muito bom. (NASCIMENTO, Entrevista 09.04.2018).

A senhora Antônia Nascimento nos relata sobre as ruas da cidade e a chegada do calçamento como algo marcante para ela, pois esse artifício embelezava as ruas e a cidade trazendo ao mesmo tempo a comodidade para as casas e para as brincadeiras feitas na rua, fazendo assim o que Benjamin (1892) chama de construir a cidade a partir de um olhar, das vivências.

2.4 A FEIRA LIVRE DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE

E foram nas ruas do centro de São José de Piranhas hoje ruas (Juvêncio Andrade; Inácio Lira e Antônio Lacerda) especificamente nas segundas feiras que acontecia o espetáculo mais esperado da semana, a feira livre da cidade que contribuíram no desenvolvimento social, material e cultural da cidade, as mesmas eram tradições e moviam um grande público desde a fundação da cidade.

A segunda feira era o melhor dia da semana, não era nem o final de semana que era melhor, porque tinha as barraca e tinha o divertimento, o povo tudo alegre, feliz, subindo e descendo com as mercadorias deles. (MENÊSES, Entrevista 06.04.2018).

É perceptível notar na entrevista da senhora Vanderlita Meneses a importância que esse evento tinha para a cidade e para os moradores, pois trazia antes de tudo divertimento.

Através do suporte da memória oferecida pela fotografia com o auxílio e dos depoentes é possível analisar a paisagem física incorporada na cidade às lembranças,

recordações e tempos construídos, para isso é necessário considerar o tempo como algo elementar e de fundamental importância, assim como considerar a trajetória de vida das pessoas. “A história individual e a coletiva são inseparáveis, a rua lateja fora e dentro daquele que vai percorrê-la e mapeá-la” (MATOS, 1994, p.44).

As fotografias revelam um misto de emoções e investimentos tanto no âmbito familiar como no de uma cidade, já que um se liga ao outro na maioria dos eventos e sobre isso Nicolau Sevcenko (1998, p. 457) nos diz que:

Percorrer essas fotografias é como mergulhar no registro virtual da memória familiar. As fotografias são, pois um recurso eminentemente moderno que possibilita a conservação e permanência de uma continuidade visual do passado familiar. Resistindo a aceleração do tempo, elas proporcionam uma orientação para a memória num contexto que tende a ser fragmentário e dispersivo.

A partir de imagens analisadas das feiras livres no recorte defino nos salta aos olhos uma discussão sobre as relações sociais ali existentes e de como os meios estavam inseridos naquele contexto do urbano e essas fotografias nos remetem a um passeio histórico na cidade de São José de Piranhas, próximo à praça central, a prefeitura e ao mercado público.

Figura 8 - Feira Livre de São José Piranhas nos anos 80.



Fonte: Disponível em:

<https://www.facebook.com/valmir.lira.7/media_set?set=a.472542689502240.1073741835.100002395396642&type=3>. Acesso em 22 de set. 2016.

As feiras no nordeste se dão desde a colonização com as transações comerciais, Fonseca (2014, p.23) nos diz que: “Desta forma, no Brasil, as feiras e mercados seguiram em parte o modelo lusitano, funcionando a partir dos povoados, posteriormente vilas, nos centros das cidades, geralmente em torno de umas edificações de mercado”. Além de ser uma prática antiga é uma das únicas que consegue reorganizar o espaço urbano durante seu exercício, que proporciona manifestações socioeconômicas e culturais.

Roberto Agapito (s.d) nos diz que para quem observa de fora a feira parece um teatro cheio de personagens, cada um com sua história. Um lugar com cheiros e sons que nos remetem ao nosso passado e, talvez, à nossa infância. Um lugar com suas cores e suas luzes a serem descobertas, exploradas e Fotografadas.

Em São José de Piranhas havia muitos tropeiros e isso fazia com que se desenvolvesse na cidade desde o comércio agrícola até o comércio de gado, além de sua posição geográfica entre as cidades de Cajazeiras, Cachoeira dos Índios, Carrapateira, Aguiar, Monte Horebe, Serra Grande, e Barro – CE, que fazia gerar um grande fluxo de pessoas na cidade fazendo com que sua feira se desenvolvesse e abastecesse algumas cidades vizinhas como foi o caso de Cajazeiras e Monte Horebe.

Uma das feiras mais antigas da região, sua feira é mais antiga do que a feira de Cajazeiras, pois a povoação de São José de Piranhas é anterior à povoação de Cajazeiras nessa região toda, todo mundo vinha fazer a feira aqui e justamente foi o Padre Rolim que juntamente com seu cunhado o comandante Vital que no início da povoação de cajazeiras criaram a feira lá, para evitar do pessoal vir fazer com essa grande distância as feiras no povoado de São José de Piranhas... A feira livre não era só a comercialização propriamente dita era tudo que se queria fazer e que se queria resolver, resolviam-se nas feiras inclusive as coisas boas e ruins onde se fazias os convites onde se encontrava com os compadres, onde se convidava o pessoal para fazer as festas nas casas das pessoas mais afastadas, então tudo se resumia a feira, segunda feira a gente se encontra, segunda feira a gente se encontra, era assim que se dizia na época, tudo era resolvido na feira... E as feiras livres de São José de piranhas sempre foi, reconhecida porque abrangia uma grande área incluindo o interior parte do Ceará a região do Barro, a região de Bonito de Santa Fé, Serra Grande, a região do Aguiar que era a grande produtora do fumo e vinha vender aqui, o pessoal de Cajazeiras e Sousa vinham comprar farinha aqui, porque aqui era que tinha as serras que produzia farinha e rapadura. Documentario disponível no <https://www.youtube.com/watch?v=nMe0ARUW2ns&feature=share>. Acesso em 14.10.2017

Através da fala do senhor Messias Ferreira, podemos perceber que a feira na cidade é tradição desde o tempo que se encontrava no antigo território hoje Piranhas Velha, e que sua

transferência de local não alterou o fluxo de pessoas e mercadorias na feira, pois a mesma era ponto de encontro entre os compadres, os moradores da cidade e os da zona rural.

Com relação às imagens é possível refletir acerca das relações existentes naquele ambiente onde aconteciam além do comércio, passeios, encontros e desencontros, difusão das notícias ocorridas no município durante a semana, trocas e ideias. Nesse caso é possível notar que as feiras faziam com que as pessoas buscassem coisas diferentes, e disponíveis para cada idade. Havia locais estratégicos para cada público na feira, como ainda existe até hoje, as barracas das frutas e verduras, dos calçados, das roupas, do fumo de rolo muito apreciado naquela época e da música com repentistas e sanfoneiros que atraíam geralmente os jovens.

Figura 9 - Feira Livre de São José Piranhas nos anos 80.



Fonte: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=473208549435654&set=a.472542689502240.1073741835.100002395396642&type=3&theater>>. Acesso em 22 de set. 2016.

A imagem acima nos permite congelar aquele momento da feira onde podemos observar vários tipos de representações humanas que dão movimento a cena, são os feirantes,

os clientes, homens, mulheres e crianças, em pose de passeio, de comercialização e de descanso.

Pensando na cidade de São José de Piranhas onde uma boa parte da população que frequentava a feira vinha da zona rural, o dia da feira para alguns agricultores era o único dia que tinha para ir à cidade, era o dia de visitar além da feira os familiares que moravam na cidade, fazer as compras, vender e comprar o que não se produzia.

Figura 10 - Corro de Feirante em dia de feira Livre em São José Piranhas nos anos 80.



Fonte: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=473208549435654&set=a.472542689502240.1073741835.100002395396642&type=3&theater>>._Acesso em 22 de set. de 2016.

O deslocamento até a cidade era feito ou a cavalo ou em carros de frete que faziam a linha e tinham horário de chegada e de saída, eram essas geralmente caminhonetes que saiam no fim da tarde da feira com as pessoas e as compras em cima.

Eita era uma feira bem movimentada, tinha o comercio como eu disse a você que tinha a rodoviária e daquele outro lado era o comércio, e aqui tanto desse lado como no outro tinha muitas bancas ali arrudiado aquela rua da

coletoria, descendo naquela lateral era a feira dos cereais, uma feira enorme e aqui desse outro lado de Valmir tinha as bancas descendo ali pra Zé do Peixe era a feira de fruta descendo aqui pro jatobar clube era a feira das panelas do pessoal que vendia panela, aí descendo pro açougue esse centro aqui ficava todo tomado, era uma feira grande bem movimentada mesmo (nascimento)... E vendia bastante, no período do algodão que por sinal eu tinha um amigo que o pai dele vinha do Ceará vinha comprar algodão aqui levava muito algodão era um período que o comércio era bastante movimentado, tinha de tudo aqui da nossa região era uma feira bem sortida. Muito diferente a de hoje não chega nem no rasto. A feira começava cedinho e só terminava 5 horas da tarde, hoje né quando da meio dia já tá desmontando as bancas, hoje é essa tristeza. (NASCIMENTO, Entrevista 09.04.2018).

Vanderlita de Meneses diz ainda que:

Na que tinha antigamente era bem engraçada, tinha a feira com as bancas das verduras, dos legumes, e por traz sempre tinha as bancas de comidas que as senhoras vendiam era um meio de comércio pra elas também, fazia sopa, fazia baião, faziam comida mesmo, como se fosse um restaurante, e vendia praquela pessoal que tava colocando as bancas de verdura e legumes pra vender os que vinha de fora sempre tinha aqueles almoço certo naquelas banca. (MENESES, Entrevista 06.04.2018).

Parte do que era comercializado na feira era produzido na região, entre eles e tinha farinha de mandioca, algodão, frutas, verduras e até mesmo barracas com vendas de comidas prontas. Comparada à feira que temos hoje para a senhora Antônia Nascimento é uma tristeza.

Com diz Bresciane (1991, p.11). O texto historiográfico é uma construção narrativa que pode ser feita a partir de diversos pontos de vista e com certeza a narrativa das pessoas que viveram aquela época e aquelas feiras são as fontes mais estimulantes para aflorar nossa imaginação e sobre isso o autor Walter Benjamin (1985) nos convida a narrar à cidade e para narrar é preciso que tenhamos experiências ou que possamos colher as experiências de habitantes e documentos que contribuam para a pesquisa histórica.

Essas narrativas se fazem importantes, pois para Walter Benjamin (1985, p.197) “A arte de narrar está em vias de extinção”, e a modernidade é um dos fatores que causam essa extinção, com seus ritmos cada dia mais diferente isso faz com que as histórias e experiências deixem de serem passadas de uns para outros. O depoente que melhor narra é porque melhor teve experiência na cidade, pois ele é capaz de trazer várias memórias.

A Feira se mostrou ativa e importante também nos documentos municipais. Quando passava por momentos de dificuldade a prefeitura optou por dispensar os impostos dos feirantes, assim como há solicitações de uma balança romana para o uso dos mesmos, com o

objetivo de oferecer melhores condições no abastecimento do mercado de modo que toda a população fosse beneficiada.

Aproveito o ensejo de convocação extraordinária desta câmara para apresentar a v. excelências o anteprojeto de lei anexo que trata da dispensa do imposto de feira e mercado e matadouro de competência desse município a medida ora apresentada tem como objetivo oferecer melhores condições no abastecimento do mercado (Ata Municipal, livro nº3, p.1).

(Coura, 2007) Diz que a feira é: “Ponto de encontro e desencontro de venda e compra, de oferta e recebimento, de oferta e procura, de treinamento e sociabilidade, a feira é documentada pela sociabilidade que a informa e das formas de reciprocidade produzidas pelos tipos humanos nela presente”. A feira é, portanto um ponto importante do espaço urbano que possibilita amplas atividades onde as pessoas percorrem naturalmente, hoje a feira de São José de Piranhas já não é mais tão imponente como fora anos atrás devido as mudanças no comércio e sua modernização com supermercados e loja que disponibilizam produtos a qualquer dia da semana, porém ela ainda acontece nas segundas feiras.

2.5 A EDUCAÇÃO PIRANHENSE NOS ANOS 70-80

A partir da pesquisa nas atas municipais, no período de 1970 a 1980 constatamos alguns dados sobre atuação feita pelo poder público na área urbana da cidade, focando nos melhoramentos e desenvolvimentos que vinham trazer benefícios para a população, entre eles estavam as construções de escolas.

A história da educação no município sempre foi muito positiva e há várias solicitações para construções e nomeações de colégios tanto na zona urbana como na rural. No ano de 1970 o município possuía quatro escolas hoje nomeadas de Santa Maria Gorete, São José, Duque de Caxias e São Sebastião, sendo todas de médio porte para a população da cidade, localizadas em pontos diferentes para facilitar o acesso dos diversos bairros. No ano de 1979 o município fez a doação de um terreno para a construção de um colégio estadual que viria a ser o maior e mais equipado da cidade até os dias atuais.

Art. 1º Fica o Poder Executivo Municipal de São José de Piranhas, autorizado a fazer doação de um terreno público municipal na sede deste município. Art. 2º O imóvel objeto da presente doação tem uma área de 2070000 metros quadrados e está assim situado: Ao norte com a rua brigadeiro Carlos Moreira de Lima (40.00); ao leste com a Rua José Dias

Guarita (40,00); ao leste com a rua Teodomiro Cavalcante (51,75); metros. Art.3º Este imóvel será doado por instrumentos de escritura pública a secretaria de educação e cultura do estado da Paraíba para a contratação de um colégio estadual nessa cidade. (Ata municipal, livro Nº 2, p 12-13).

Figura 11 - Escola São Sebastião nos anos de 1972.

GRUPO ESC.SÃO SEBASTIÃO ("GRUPO DE MARIA ELZA")



Fonte: Disponível em:

<https://www.facebook.com/valmir.lira.7/media_set?set=a.472542689502240.1073741835.100002395396642&type=3> Acesso em 22 de set. de 2016.

Na imagem acima temos a escola São Sebastião no ano de 1972 aparentemente conservado e equipado de mesas, cadeiras, quadro negro e professor. Este prédio permanece ativo mantendo a mesma estrutura com algumas modificações.

Segundo as fontes orais era fácil o acesso a essas escolas, e mesmo a cidade não possuindo ensino superior houve sempre transporte para os que queriam se deslocar para outras cidades.

Era fácil, porque pelo menos para o pessoal da zona urbana sempre teve facilidade pra estudar porque o acesso a escola São Sebastião, santo Antônio, pro santa Maria Gorete, pro Duque de Caxias, pro Luiz Alberto, pro Prefeito Joaquim Lacerda que é o Estadual, sempre ficou próximo né, eu estudei no grupo santo Antônio, depois fui pro Joaquim Lacerda leite e depois fiz o pedagógico na Santa Maria Gorete que era o normal. (MENESES, Entrevista 06.04.2018).

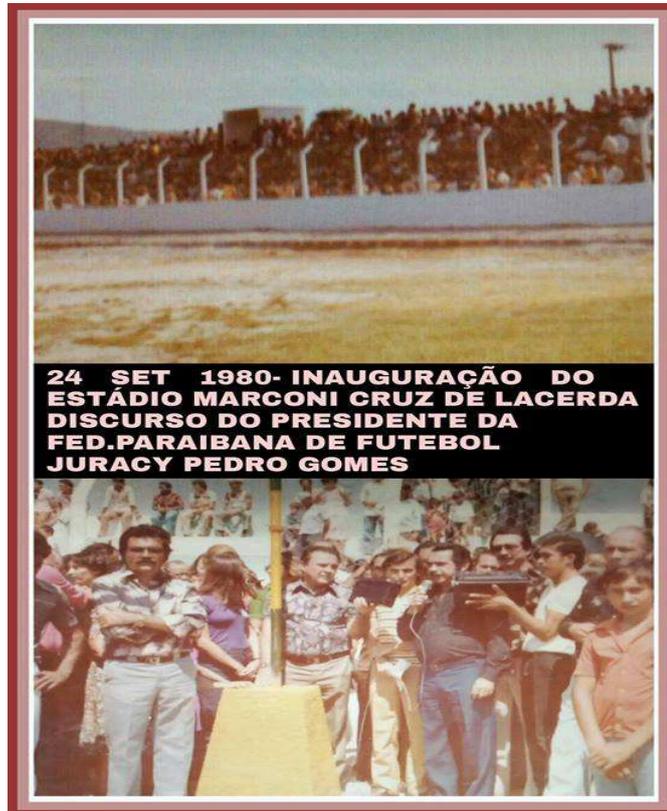
Roberto Segre (1992, p.101) traz uma discursão sobre a amnésia da cidade contemporânea onde o essencial não é a dimensão da função, mas a dimensão da existência, pois há muitos estudos sobre as cidades em torno de sua estrutura, porém são poucos os testemunhos das vivências e das estruturas urbanas que permitem compreender como se constroem as formas e os espaços nas mentes dos usuários “porque assim como a imagem abstrata da cidade resulta numa ficção também é o perdeste comum, alheio a um grupo social concreto”. Através dessa pesquisa estamos vendo o quanto é importante à fala dos habitantes sobre o espaço da cidade.

2.6 EXPERIÊNCIAS DE DIVERSÃO EM SÃO JOSÉ DE PIRANHAS

A cidade, que cresce, negocia, estuda, se moderniza, se desconcerta também se diverte, e São José de Piranhas é conhecida até hoje por seus eventos festivos, que movimentam a cidade e trazem um grande número de pessoas das cidades da região.

Durante a pesquisa nas fotografias da cidade, nas atas e nas entrevistas percebemos que principalmente nos anos 80 a cidade passou por vários eventos e inaugurações que a movimentaram e que ficaram na memória de seus habitantes, entre eles houve inauguração de avenidas e até mesmo de um estádio de futebol considerados modernos para época.

Figura 12 - Inauguração do estádio de futebol Marconi Cruz de Lacerda no ano de 1980.



Fonte: Disponível em:

<https://www.facebook.com/valmir.lira.7/media_set?set=a.472542689502240.1073741835.100002395396642&type=3>

Acesso em 22 de set. de 2016.

Quando questionados os depoente sobre o que a cidade oferecia em termos de diversão os mesmos mencionaram, desde as festas de rua oferecidas pela prefeitura, as festas do padroeiro São José até as praças e os clubes que haviam na época.

Era o jatobá clube, as festas do jatobá clube eram as festas sociais, era umas festas muito boa, as festas tradicionais mesmo dai era, o natal que fazia, depois de meia noite todo mundo ia pro clube, era a do natal, ano novo, réveillon, são Pedro e o carnaval tocava ai os quatro dias de carnaval, festa pra chique mesmo. O carnaval e o são Pedro eram as festas tradicionais, e as vezes vinha bandas, era difícil eles trazer mais eles trazia. Era festa paga, tinha os sócios e tinha um regimento muito severo eu com 16 anos pra entrar no clube foi obrigado toin (Marido) assinar um termo de compromisso... Ai tinha também as festa de padroeiro, tinha as quermesses, de são José que era uma festa muito bonita, uma vez eu fui até rainha ai dos partidos tinha azul e vermelho, ai eu fui do partido vermelho, que trabalhava era dona zefinha Chiquinha um bocado de senhoras que trabalhava, ai eu fui a rainha da esta de são José. A semana santa era muito bonita, era festa da igreja o dia todin, a igreja aberta, tinha aquelas penitencia que o povo fazia, era muito bonita

viu a semana santa, bem comemorada. (CAVALCANTE, Entrevista 08.04.2018).

A diversão não ficava só por conta das festas e as praças da cidade também eram grandes ícones de distração e diversão para os jovens.

Aqui mesmo na praça São Sebastião tinha aqui do lado a televisão o guarda era João de Grosa ele vinha ligava a televisão ficava até 10, 10:30 todo mundo sentado no chão assistindo, quando chegava o horário ele desligava a televisão pegava o tamboretin dele e levava pra casa. (MENESES, Entrevista 06.04.2018).

Ao ouvirmos esses depoimentos com o auxílio de teorias como a de Roberto Segre (1992, p. 111) o mesmo nos mostra que uma cidade não é feita de pedra, é feita de homens e o essencial não é a dimensão da função, mas a dimensão da existência, deixando claro que há muitos estudos sobre as cidades em torno de sua estrutura, de sua economia, entre outros, porém são poucos os testemunhos das vivências nas estruturas urbanas. “Então a memória ambiental não será um mero exercício intelectual realizado por uma minoria, mas será o fundamento indispensável da riqueza da vida presente e futura formada a partir das raízes do passado.” É com esse pensamento que buscamos compreender as formas que a cidade oferecia através das vivências de seu povo e a história oral é uma fonte riquíssima que possibilitou essa construção.

O autor Lepetiti (2001, p.141) nos fala sobre a hermenêutica, que é a compreensão da cidade e para chegarmos a essa compreensão é preciso buscarmos uma aproximação maior com os autores que vivenciaram a cidade já que “A cidade é feita de cruzamento” e as práticas sociais influenciam no seu território, pois as pessoas tem ritmos diferentes e cada grupo tem suas particularidades, cada um vive em um ritmo, onde uns buscam a modernidade outros querem parar no tempo, são esses seres que pensam e agem de modo diferente que se cruzam dia a dia em todas as cidades,

A cidade como vimos nunca é absolutamente sincrônica: o tecido urbano, comportamento dos cidadãos, as políticas de planificação urbanística, econômica ou social desenvolvem-se segundo cronologias diferentes. Mas ao mesmo tempo a, cidade está inteira no presente, ou melhor, ela é inteiramente presentificada por atores sociais nos quais apoia toda a carga temporal. (LEPETIT, 2001, p. 14).

Para compreendermos a cidade de São José de Piranhas e seu espaço nas décadas de 1970 e 1980 foi preciso buscar uma aproximação com a mesma através de seus documentos, suas imagens e através da voz de seus habitantes.

CAPÍTULO III: SÃO JOSÉ DE PIRANHAS PROBLEMAS PÚBLICOS E DESAFIOS SOCIAIS

A cidade de São José de Piranhas possui como vimos, camadas de memória sobre o espaço e suas transformações, o que imprimiu e construiu lembranças e vivências dos habitantes em um tempo.

À medida que pensamos uma cidade devemos ter em mente que ela se transforma, se modifica e se reinventa com o passar do tempo, uma vez que recebe demandas de seus habitantes para projetos de desenvolvimento. Nesse sentido pensaremos a cidade de São José de Piranhas nos anos de 1970 á 1980 tentando perceber como ela tem combatido seus problemas públicos e seus desafios sociais e de crescimento, ao longo desses anos. Bem como detectar de que maneira seus habitantes vislumbram melhorias para a cidade ensejando um projeto maior de civilização.

A resolução dos problemas públicos da cidade de São José de Piranhas nos anos 70 e 80 passaram pelo desafio de equacionar o problema da água. São José de Piranhas conheceu entre 1979 e 1984 momentos de aflição pela falta de chuvas tornando a escassez de água e seu fornecimento um problema público.

3.1 A SECA

No período de 1979 e 1984 a região Nordeste sofreu com uma grande seca que afetou a população que residia no interior e principalmente os que viviam da agricultura e pecuária, acarretando um grande movimento migratório no país principalmente para a região Sudeste.

São eventos desse porte que mexem com a estrutura de uma cidade, pois geram um massacre socioeconômico. São José de Piranhas enfrentou os cinco anos de seca (1979 a 1984) de forma difícil tanto para a população da zona urbana que precisou ser abastecida por carro pipa, quanto da rural que gerou falta de alimentos, morte de animais e conseqüentemente a fome. As feiras e os comércios de gêneros alimentícios passaram por dificuldades como afirma a depoente Antônia Nascimento.

Lembro das invasões que o pessoal da zona rural e até mesmo dos arredores da cidade faziam que era invadir as feiras eles chamavam de saquear, hoje vai ter saque na feira eles invadiam os estabelecimentos e levavam os gêneros alimentícios, feijão, arroz, destruíam muitas coisas faziam muita baderna mesmo, uns era por conta da fome outros por falta de

comportamento mesmo, porque a gente via muita necessidade mas também via muita destruição, ficava a feira um horror. E os comerciantes sofriam muito porque tinha os estabelecimentos invadidos e não podia fazer nada teve muito isso. (NASCIMENTO, Entrevista 09.04.2018).

É possível notar através da depoente o quanto essa temporada mexeu com a cidade e com a população de modo geral, a fome afetou e fez com que as pessoas buscassem alimentos através de atos de vandalismo, saqueando os comércios e as feiras em busca de comida.

Durante esse período de seca o governo enviava para os municípios umas frentes de serviços, empresas que serviam para a construção de açudes, barragens e estradas gerando empregos para tranquilizar a população que estava fazendo saques nas cidades os chamados emergenciados⁵ que estavam passando necessidades.

No ano de 1981 a câmara municipal de São José de Piranhas fez a solicitação ao governo dessas frentes de serviços para o município. “[...] Dirigido ao Excelentíssimo Sr. Presidente da república, governador do estado, superintendente da Sudene e secretário da agricultura solicitando frente de serviço para amparo aos flagelados da emergência.” (Ata Municipal. Livro nº2, p. 45).

Diante desse quadro (da seca) a cidade e seus habitantes se deparavam com padrões de atendimentos dos órgãos que residiam em práticas já conhecidas as frentes de serviços.

Os serviços ofertados nessas frentes eram na maioria das vezes pesado e com carga horaria exaustiva já que tinham nelas integrantes homens e mulheres, os mesmos recebiam como pagamento cestas básicas e um salário baixo. Em São José de Piranhas o trabalho era feito na maioria das vezes na construção de barragens e na quebra de pedra para calçamentos como ressalta a senhora Vanderlita de Menezes.

Lembro pai saindo pra ir pra emergência, mãe também deixava nós em casa pra ir, Vanderlei que era o mais velho ficava com nós e mãe ia pra emergência pra poder ser apontada, bater o ponto porque tinha o fiscal que tinha que apontar mesmo que quando o fiscal apontasse voltasse e viesse tomar de conta da gente. Eles trabalhavam quebrando pedra, muitos era quebrando pedra. (MENESES, Entrevista 06.04.2018).

Durante a análise das atas nota-se que nesse período o poder público da cidade buscou recursos para os populares que estavam integrados nessas frentes de serviços, “[...] É exigido do governo melhorias para os emergenciados os quais estão enfrentando cinco anos de seca consecutivos”. (Ata municipal. 1984, Livro nº2, p. 121).

⁵ Pessoas que não tinha renda por causa da seca.

Como vimos a paisagem da cidade também insere por vezes a paisagem do que lhe é mais imediato: o campo em seu entorno onde fenômenos como esse da seca inviabilizam a vida pública de cidades sertanejas como São José de Piranhas.

3.2 A CHUVA

Como vimos o fenômeno da seca trouxe para a cidade um período de dificuldades e até de miséria que a deixou mutilada em um ciclo de cinco anos.

Todavia os habitantes de São José de Piranhas alegraram-se e encheram-se de esperança com outra experiência ótica, da chegada das chuvas, de muitas chuvas. Tal ocorrência reestruturou todo o microcosmo da cidade e do campo em sua volta, trazendo também alguns problemas.

Em 11 de abril de 1985 o açude que abastecia a cidade se rompeu e afetou uma parte da população, destruindo casas, prédios e deixando todos aflitos. A chuva começou por volta da meia noite, era forte e acarretou uma falta de energia na cidade, com o rompimento do manancial que abastecia o município, o sino da igreja matriz tocava e os carros buzonavam pelas ruas da cidade alertando a população.

No dia seguinte, o cenário era de destruição e de tristeza como mostram o relato da depoente Antônia.

Carregou os animais que tinham lá os currais que tinha por perto lá do sangradouro, ai tiveram uns animais que foram arrastados pela correnteza a ponte que passava ali de São José pra Monte Horebe que também foi destruída ficou aquele buraco enorme, uma cratera enorme, pronto muito triste, muito lamentável e a cidade ficou um bucado de tempo sendo abastecida por caminhão pipa que vinha deixar. (NASCIMENTO, Entrevista 09.04.2018).

Mais uma vez surgiu no município um problema público com uma grande dimensão, já que afetou toda a cidade fazendo com que a mesma ficasse novamente sem o abastecimento de água e deixando vários desabrigados, fazendo assim com que as medidas fossem tomadas de forma imediata.

A prefeitura municipal então com o apoio do governo estadual da Paraíba construiu um conjunto habitacional para acolher os desabrigados. O conjunto foi então nomeado de Arcôncio Pereira, onde foram entregues segundo o senhor Francisco Gonçalves (um dos

beneficiados) 26 casas. “Era 13 de um lado e 13 do outro... foi as que foi entregue as primeiras ai depois foi entregando as casa tudin mas entregou a todo mundo⁶”.

Figura 13 - Vista aérea do conjunto Arconcio Pereira em São José de piranhas.



Fonte: Disponível em: <<https://earth.google.com/>> Acesso em 22 de set. de 2016.

Episódios como esse informam como que, por vezes, o poder público interfere diante da coletividade para resolver problemas sociais gravíssimos que afetam a cidade. A criação do conjunto habitacional citado advém desse contexto, dos reclames e necessidades da população.

Isso nos remete a Maria Stella Bresciane (1991, p.11) ao analisar como as massas humanas, à medida que gera uma questão social reivindicam uma solução imediata, como a historiadora nos fala é preciso dar um destino às massas para que a cidade não rompa com seu ideal de ordem e melhoria urbana. “A partir dessa imagem construída sobre representações contraditórias da grande maioria da população se forma a questão social e sobre ela multiplicam-se os discursos da filantropia.”

Na verdade todos querem intervir na cidade, seja o poder público, sejam os habitantes. O que se sonha, de maneira geral é tornar o espaço urbano marcado por referências modernas, de progresso. Há aqui um desejo de projetar civilização e aperfeiçoamento. Tais questões são elaboradas por Henri Lefebvre (2001, p.110).

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=4Uy4QhTWPZU>

[...] atualmente, quem não é utópico? Só os práticos estritamente especializados que trabalham sob encomenda sem submeter ao menor exame crítico as normas e coações estipuladas, só esses personagens pouco interessantes escapam ao utópismo. Todos são utópicos, inclusive os prospectivistas, os planejadores que projetam a Paris do ano 2000, os engenheiros que fabricaram Brasília, e assim por diante! Mas existem vários utopismos.

Assim São José de Piranhas como uma cidade pequena não podia deixar seus habitantes desabrigados, pois demonstraria um ar de atraso e de descaso rompendo com o ideal de crescimento e modernização, buscando então de forma rápida solucionar tais problemas.

Nas imagens aéreas a baixo temos o açude São José I e sua estação de tratamento, onde observamos que sua localização fica em um nível a cima da cidade, o mesmo recebe as águas vindas das serras de Monte Horebe, facilitando para que o volume recebido seja suficiente para abastecer a cidade durante todo o ano.

Figura 14 - Vista aérea do açude e estação de tratamento do açude no ano de 1971.



Fonte: Disponível em:

<https://www.facebook.com/valmir.lira.7/media_set?set=a.472542689502240.1073741835.100002395396642&type=3>

Acesso em 22 de set. 2016.

Notamos através das pesquisas nas atas públicas que a câmara municipal não fez nenhuma menção durante as sessões sobre o rompimento do manancial na cidade, isso provavelmente se deve ao fato do município ter sido beneficiado com a indústria da seca, e seria controversa uma cidade que não tem chuva ser “destruída” pela água.

3.3 RITMOS SOCIAIS

No cotidiano normal de uma cidade as pessoas vão e vem todos os dias com seus ritmos distintos, em São José de Piranhas não é diferente, como uma cidade pequena do interior, seu centro é o local que mais atrai as pessoas, tanto por conter os maiores comércios e locais de negócios (banco, prefeitura e cartórios), como pelos pontos de distração e diversão.

Nesses locais as pessoas transitam e observam o espaço urbano cada um com seu plano de melhorias e enriquecimento para cidade

Nas imagens a seguir são representadas o cotidiano da cidade, e a forma como os habitantes piranheseiros se movimentam normalmente pelas ruas. Na praça temos o local de encontros e distrações durante todo o dia, com maior intensidade nos fins de semana e dias de festas, na mesma o habitante disfruta de comidas, bebidas e guloseimas, além de parques de diversão para crianças.

Ao lado da praça temos as ruas do comercio, onde a população faz suas compras, de roupas, calçados e mantimentos em geral. É perceptível que à medida que os anos passam e a modernidade chega a cidade a mesma ganha mais equipamentos como carros e motos, porém, o ritmo da população é praticamente o mesmo talvez por ainda ser uma típica cidade do interior.

Figura 15 - Vista aérea do centro de São José de Piranhas



Fonte: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1618432151525687&set=pcb.1618432244859011&type=3&theater>> Acesso em 10 de mar. de 2018

Figura 16 - Rua do centro na lateral da praça.



Fonte: Disponível em:

<https://www.facebook.com/valmir.lira.7/media_set?set=a.472542689502240.1073741835.100002395396642&type=3> Acesso em 22 de jan. 2017.

Todavia o desenvolvimento da vida cotidiana traz subjacente ao dia a dia os desejos do habitante e da população, problemas que são equivalentes ao tecido urbano.

Nesse sentido vamos apresentar alguns desses problemas e seus impactos, cuja pauta incorpora as questões de arruamentos, redes de esgoto intervenções públicas e demais questões correlatadas.

Em meados dos anos 70 a câmara municipal da cidade pautou o tema da rede de esgotos e dos arruamentos da forma que apresentaremos a seguir:

O vereador Francisco Leite de Oliveira no dia 16/02/1976 em uso de suas palavras em sessão ordinária da câmara solicitou e encaminhou um pedido de abertura de uma rede de esgoto no Bairro Santo Antônio, na Rua Antônio da Silva sendo o mesmo aprovado.

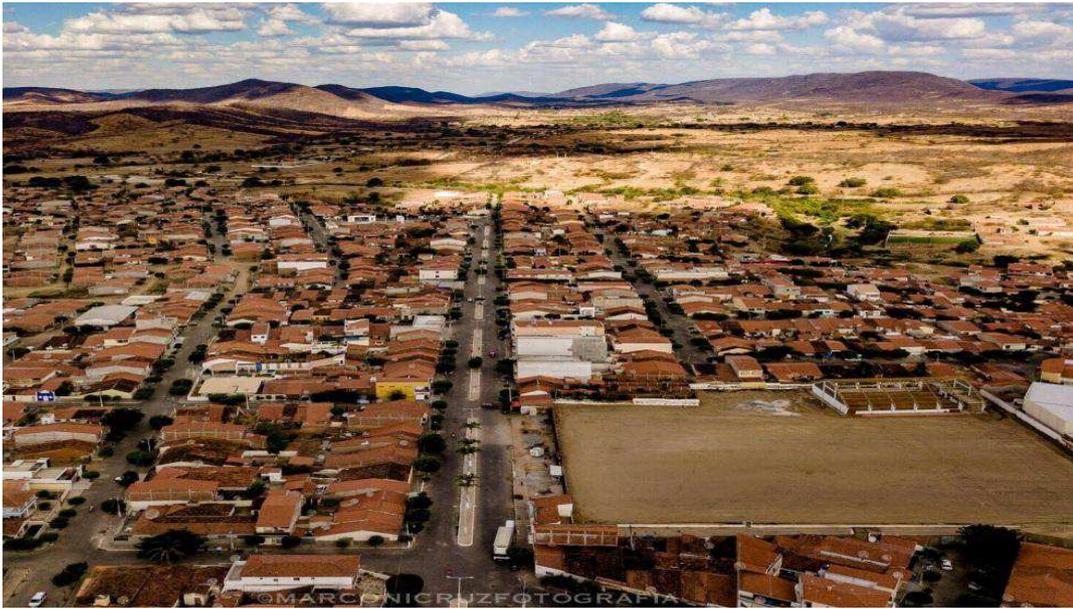
Percebemos que essa demanda já era decorrente na cidade já que em 1973 o poder público também na voz do vereador Francisco Leite de Oliveira, já discutia a abertura e melhorias de ruas na cidade.

[...] Como representante do povo desta cidade convoco os demais membros desta casa a pedir o prolongamento do calçamento da Rua 7 de setembro até a altura do posto São José I e o calçamento completo da rua Sabino Cipriano, se tratando de um melhoramento público. (Ata municipal de São José de Piranhas, 08/05/1973, p.73).

Nos documentos públicos há citação para transferência de nome da maior avenida da cidade para o nome “avenida centenária” em virtude da comemoração do centenário da cidade em setembro de 1985, marcando assim essa data na memória dos habitantes.

Estamos nos avizinando a uma data que marcará sem dúvida o espírito jubilar dos cem anos de nossa querida terra, este governo no pensamento comum com todos os senhores vereadores e comunidade piranhense de seja erguer um mastro na passagem deste 24 de setembro próximo, dedicando de avenida centenária, a artéria que inicia-se na esquina do estádio Marconi Cruz de Lacerda e que termina nos limites do bairro São Sebastião nesta cidade. (Ata municipal. 1985, Livro nº2, p.169).

Figura 17 - Vista aérea da avenida centenária.



Fonte: Disponível em: < <https://www.facebook.com/marconicruzdesouza> > Acesso em 22 de jan. 2017.

Na imagem acima temos a avenida centenária que liga o bairro São Sebastião ao Centro da cidade, entre ela várias ruas se entrecruzam. Bernard Lepetiti (2001, p.141) diz que: “A cidade é feita de cruzamentos” e neles as práticas sociais influenciam no território e vice-versa a isso se implica questões como o ritmo do trabalho. Assim os cruzamentos e os territórios são diferentes e se entrecruzam entre si e se misturam já que os habitantes pensam e agem uns diferentes dos outros com seus ritmos distintos.

O centenário da cidade veio acompanhado de muitas festas e com várias inaugurações, com participação das escolas com desfiles cívicos. Observamos que foi um evento grandioso pelo fato dos moradores lembrarem bem.

Eu lembro foi um período bom foi mais de uma semana de festa, aqui vieram muitas atrações de nível nacional, era Deusimar o prefeito na época do centenário, na minha família pelo que eu lembro assim estava num momento bom, tinha muitas autoridades aqui, governos tudo, estalaram governo aqui por uma semana, vieram muitas coisas nesse período, eu sei que foi mais de uma semana de festa, tinha muitas comemorações o teatro nessa época funcionava, trouxeram muitas peças os filhos de Deusimar tinha um que era envolvido com essa história de teatro aí trouxe peças pra cá pra apresentar ali perto da igreja, muita festa de rua, bem umas duas ou três atrações vieram na época, teve Fagner ne que o filho de Deusimar parece que trouxe também, Reginaldo Rose muitas bandas que vieram aqui da região, eu só me lembro mesmo da questão das festas (risos) porque das inaugurações eu não ia atrás não (risos). (NASCIMENTO, Entrevista 09.04.2018).

Assim com a senhora Antônia da ênfase ao que mais recorda o depoente Antônio Bezerra relembra outros pontos, “bem animada a festa, houve as inaugurações também de uns motores na bacia do açude que nesse tempo tinha água e o governo deu e eles foram inaugurar lá”. (SOUSA, Entrevista 05.04.2018).

Cada habitante pensa e age de modo diferente e isso traz à tona vivências e memórias diferentes que enriquecem nossa pesquisa, a exemplo dos depoentes acima, um dá mais ênfase as festas o outro às inaugurações, essas inaugurações servem para nos mostrar o que de novo e moderno era pensado naquela época para a cidade.

Para participar desses eventos a cidade recebeu a presença de vários filhos da terra que moravam fora e vieram comemorar essa data tão importante como afirma à senhora Dolores Nascimento (Entrevista 07.04.2018).

Eu lembro, lembro um pouco da festa, foi um evento muito grande, foi um momento que muitos filhos de São José de Piranhas vieram de fora para essa festa, eles fizeram uma carreato muito bonita com a chagada desse s filhos ilustres que moravam foram fora.

A intensidade da comemoração do centenário traz consigo os anos anteriores de dificuldades que a população enfrentou assim como demonstra o afeto que existe do habitante para com a cidade, no momento em que os filhos da terra voltam para participar das festividades, sempre com desejos de melhorias para a mesma, lançando um olhar de otimismo e de progresso.

3.4 AS MELHORIAS PARA O TEMPO DO “AGORA”

O tempo do agora se remete ao conceito do tempo presente que temos que participar, construir e experimentar a história para salvá-la e concedê-la uma “redenção”. Para Walter Benjamin a história tem duas faces onde deve ser contada para salvar o passado e salvar o presente, o mesmo nos diz que o mundo moderno está cheio de fragmentos e o historiador pode trabalhar com esses fragmentos.

A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’. Assim, a Roma antiga era para RobesPierre um passado carregado de ‘agoras’, que ele fez explodir do continuum da história. A Revolução Francesa se via como uma Roma

insurreta. Ela citava a Roma antiga como a moda cita um vestuário antigo. A moda tem um faro para o atual, onde quer que ele esteja na folhagem do antigamente. Ela é um salto de tigre em direção ao passado. Somente, ele se dá numa arena comandada pela classe dominante. O mesmo salto, sob o livre céu da história, é o salto dialético da Revolução, como o concebeu Marx⁷.

Tecnicamente nas cidades surgem problemas que precisam ser solucionados, esses problemas não podem destruir as simbolizações, desejos e sonhos das pessoas que por sua vez tem sempre perspectivas de melhorias para o lugar em que moram, com relação a saneamento, empregos, segurança, entre outros e em São José de Piranhas não é diferente.

Diante do que expomos colocamos a seguinte pergunta: como os habitantes vislumbram melhorias para esta cidade?

A cidade parece sempre trazer com o tempo, à medida que ele passa a imagem de um contínuo processo civilizador, muitas vezes cheias de desafios e desejos de crescimento. Brandão (2001) Nos mostra a importância do cuidado com o crescimento para a cidade.

O crescimento, entretanto introduz novas variáveis. Para que ela possa se expandir é necessário que haja, simultaneamente ao crescimento populacional, um aumento correspondente dos meios de transportes de matéria aqui incluindo os necessários para o saneamento, e da informação. (Brandão 2001, p. 108)

A depoente Antônia Nascimento na entrevista concedida nos revelou como é a cidade de São José de Piranhas hoje.

Cresceu na maioria dos sentidos como todas as outras cidades ne?! Chegou o progresso que traz as coisas boas e as mazelas também, mas cresceu bastante, pra ser uma cidade pequena ela acompanhou o desenvolvimento, só o comercio daqui como em toda cidade pequena por conta do oferecimento de emprego que não tem, nós não temos empresas, que aqui não é uma cidade polo né que dê condição de ter emprego, a dificuldade continua a de sempre a questão de emprego, desenvolveu mas tiveram coisas que acabaram se perdendo. (NASCIMENTO, Entrevista 09.04.2018).

Maria Dolores também nos concedeu seu ponto de vista:

Eu acho que ela cresceu demograficamente a construção civil, cresceu mas, assim ainda acho o município atrasado, porque nós temos no nosso município muitos jovens que poderiam desenvolver algumas atividades numa profissão aqui mas não há esse campo, nós não temos industrias né, o

⁷ <https://chacombolachas.wordpress.com/2007/11/07/tempo-do-agora-o-kairos-de-walter-benjamin/>

comercio não valoriza o trabalhador, o comerciário, acredito que... Até nem sei se tem sindicato comerciário aqui em São José de Piranhas e eu acho que ainda precisava abrir muito espaço, na indústria na fabricação poderia ter uma coisa mais expandida, como sandália, uma coisa que pudesse gerar emprego pra população. (NASCIMENTO, Entrevista 07.04.2018).

Com base nos depoimentos percebemos que a cidade cresceu dos anos 70 pra hoje na medida em que sua população aumentou, recebeu novos equipamentos urbanos com ar de modernidade, porém, há pouco investimento público e privado na geração de empregos na cidade, não há indústrias nem empresas de grande porte que possam acolher um grande número de trabalhadores e fazer com que a cidade cresça cada vez mais.

Porque a gente ainda tem esse grave problema que muita gente sai pra furadinha, e isso tem mexido na estrutura da família porque o pai viaja pra obter esse dinheiro pra manutenção da família e termina deixando aqui a esposa e os filhos e muitas vezes isso tá se tornando um problema e grande e nós temos muitos casos de adolescentes que querem acompanhar os pais com essa história de furadinha, pois eles precisam se ausentar de seu município que eles podiam crescer aqui, fazer um curso profissionalizante, investir na profissão e ajudar a família aqui, e aí estão é saindo pra ir conseguir isso lá fora. (NASCIMENTO, Entrevista 07.04.2018).

Como ressalta a senhora Dolores Nascimento na entrevista acima, a cidade não oferece meios que dê conta de gerar muitos empregos e esse está sendo um dos grandes problemas, visto que muitos jovens e pais de família se ausentam por um período geralmente de 60 dias de suas casas para trabalhar em estados como o Pará e Maranhão com a venda de confecções e retornam em seguida para passar um período de 30 dias em casa e isso está se tornando uma prática corriqueira. Porém observamos que esses trabalhadores não deixam a cidade, eles trabalham e voltam.

O fato dessa ausência de oportunidades de emprego é consequência do que vimos lá atrás, pois, em nenhum momento nas discussões das atas houve investimento ou incentivos de ausência de impostos para que fábricas ou empresas diversas se instalassem no município e o habitante é quem deixa de ganhar com isso.

A cidade ganhou como vimos em termos de educação, cidadania, arruamentos, saneamento, porém, houve perda também na área da saúde, como cita a senhora Antônia Nascimento.

[...] Nos anos 70,80 até 90 o início dos anos 90 nós tínhamos uma maternidade e tínhamos um hospital né, em termos de saúde houve uma perda enorme, porque hoje eu não entendo tudo tem que correr pra

Cajazeiras, eu não entendo um progresso que chega e acaba com a principal coisa que uma população necessita, saúde, é isso que eu não consigo entender porque foi que o progresso nos tirou isso, eu não consigo entender onde foi que ficou o erro? Foi dos governantes? O que foi? A população cresceu e ao invés de ganhar de ampliar fez foi acabar, em termos de educação e saúde regredi, não tem a mesma assistência do meu tempo. (NASCIMENTO, Entrevista 09.04.2018).

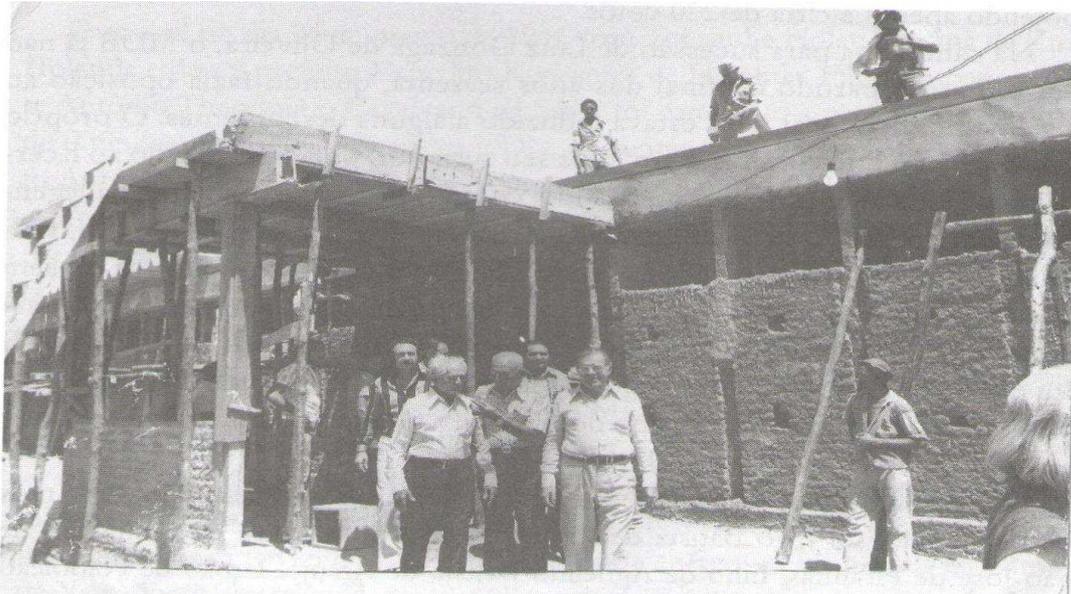
Durante os anos de 1973 a 1975 eram constantes as discussões nas atas municipais a respeito da saúde da cidade, com a construção de postos de saúde e de hospital.

Em 1977 a câmara entrou em debate sobre as melhorias na saúde e o vereador Sebastião de Araújo fez a seguinte solicitação: “Solicito a criação e instalação de três mine postos de saúde que poderão ser localizados no distrito e Bom Jesus, Piranhas velha e Boa Vista”. (Ata municipal de São José de Piranhas, 10/10/1977, p.183).

Com relação ao hospital construído, hoje percebemos que houve uma perda nesse setor, pois o hospital já não oferece os mesmos serviços da época que foi inaugurado, o que não desmerece a importância que foi para a população ao longo dos anos.

Indico ao prefeito municipal necessidade de aquisição de uma área de terra medindo (2.000) dois mil metros quadrados por esta prefeitura para ser doada a FUSPP e FUNRURAL para a instalação do hospital desta cidade área de terreno encravada ao lado da unidade sanitária desta cidade de propriedade espólio de Antônio Gomes Barbosa. (Ata Municipal, 1973, Livro nº1, p. 71).

Figura 18 - Deputado José Lacerda Neto, o Prefeito Joaquim Lacerda Leite, o ministro da Saúde e lideranças políticas visitam as obras de construção do hospital de São José de Piranhas- PB.



Fonte: Disponível em: VIEIRA, José Marconi Gomes. São Jose de Piranhas: Arena versus MDB (1965- 1982). João Pessoa: F&A Gráfica e Editora, 2008.

Diante das fontes visualizamos que o poder público planejou e executou melhorias para a saúde da cidade nesse período, e que com o passar dos anos isso foi sendo deixado de lado e a população assim como a cidade sai perdendo, tanto pela falta de acesso a esses meios como pela falta do avanço e modernização desse espaço, onde os habitantes sempre vislumbram melhorias.

Nas palavras da senhora Rosemare Amorim é possível perceber seu desejo de melhoria para a cidade, “Eu acho o seguinte, em parte ela se desenvolveu, mas tem muitas coisas que precisa ser melhorada, muitas, na parte da saúde na parte da cultura, do lazer de segurança, porque o lazer daqui hoje é uma praça cheia de bar é o que tem hoje em dia aqui em São José de Piranhas”. (CAVALCANTE, Entrevista 08.04.2018).

Os habitantes têm esperança na cidade, alimentam a chegada de novos horizontes de desenvolvimento, pois a urbe exige uma interação entre o desenvolvimento técnico, crescimento e a manutenção da mesma.

[...] Não há propriamente uma cidade ideal e estética, de puros números traduzidos em volumes, planos, e retas, mas uma cidade pensada no domínio de ethos político e público, onde arquitetura e urbanismo são instrumentos para que a vida transcorra de forma “boa e beata! Bene beateque vivendum. (BRANDÃO 2006, p.64).

A mudança acarretada de melhorias em uma cidade é fundamental para seus moradores, através dos relatos, percebemos que o piranhense nato, o que reside e o que volta quando pode a cidade vibra e admira independente de sua história e das dificuldades enfrentadas, esperando sempre o que há de melhor.

De modo geral, os modelos estruturais que antes explicavam o meio urbano foram deixados para trás e já não dão mais conta da dimensão que a mesma oferece, pois é o espaço urbano desenvolveu-se e fomentou uma paisagem em constante transformação. Mesmo assim a cidade continua sendo o lugar do utópico, onde os homens querem intervir nesse meio e transformá-lo no lugar da modernidade, longe do arcaico. Devemos então pensa-la como algo complexo, mas não devemos pensá-la como um objeto isolado, pois a mesma envolve todo um contexto histórico que sofre influência de seus meios, nesse caso é a cidade que nos oferece o que deve ser estudado a partir das formas de se pensá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história das cidades vem sendo estudada há muito tempo, e no decorrer dos anos passou a ganhar cada vez mais espaço devido a suas várias possibilidades de abordagens. Nossa pesquisa teve o objetivo de analisar a memória e o espaço da cidade de São José de Piranhas (estado da Paraíba) nas décadas de 1970 e 1980.

Com essa pesquisa concluímos que compreender uma cidade não é uma tarefa fácil, todavia em meio a nossos questionamentos observamos que uma cidade vai além da forma física, ela dispõe e possibilita várias leituras, significados e interpretações sobre o fato urbano.

Foi pensando nessas várias leituras que nosso trabalho se atentou ao fato de dar voz ao habitante da cidade, para que contassem não só suas experiências como seus desejos e sonhos, mostrando não só a importância da cidade de São José de Piranhas como o que ela representou e representa para cada piranhense, evidenciando sua trajetória e a trajetória de seu povo.

Assim como é papel da história analisar o passado e fazer uso dele no presente, nós como historiadores queremos olhar para o passado através das fontes históricas e absorver os possíveis entendimentos e compreensões para assim contribuir com a história da cidade. Dessa maneira, nos esforçamos por fazer uma análise acadêmica bem elaborada que pode vir a trazer futuramente soluções sobre o planejamento, a vida social e política, como pretendemos promover o encontro dos habitantes da cidade com o passado.

Nesse sentido concluímos que a cidade de São José de Piranhas possui espaços e uma memória sobre o mesmo. Ao abordarmos as cidades brasileiras durante o século XX percebemos que o seu traçado já é planejado, com praça central, casarios em sua volta, equipamentos administrativos bem sediados e ruas e avenidas situados dentro de reformas e movimentos de modernização das cidades.

São José de Piranhas no ano de 1971 chegou a ganhar em termos de infraestrutura, com um abastecimento de água moderno para a época, deixando de lado a forma rústica, manual e cansativa relatada pelos entrevistados de colherem água nos açudes com a ajuda de animais. Ganhou também no que diz respeito à construções de escolas, hospital, estádio de futebol além de equipamentos como rodoviária moderna e prédios comerciais.

Pensando que uma cidade se faz como centro administrativo, seus equipamentos são pensados em pontos estratégicos para facilitar seu desempenho; com o passar do tempo e o aumento da população a cidade vai sempre querendo se modernizar, ganhando novos espaços

e excluindo outros. Observamos com essa pesquisa que São José de Piranhas se desfez de todos os seus casarios antigos que ficavam no centro da cidade cedendo lugar a prédios e lojas comerciais.

Em meio a essas transformações e construções se mantém viva a memória do habitante e através das entrevistas percebemos que os piranhenses, de modo geral, dizem que a cidade perdeu ao longo dos anos a estrutura física que tinha nas décadas de 70 e 80, e que quase não se tem a presença de prédios históricos na cidade, sendo assim uma perda material e histórica para as novas gerações.

Com o auxílio das atas públicas e das fotografias, observamos, no que diz respeito aos ganhos de equipamentos e melhorias para a cidade nos anos 80, que ainda havia ruas do centro sem calçamento e sem saneamento, tornando assim um período de oscilação no desenvolvimento público. No quesito educação e lazer diagnosticamos a importância dada pelo município nessa área e vimos que era favorável, pois nesse período havia várias solicitações, construções e inaugurações de equipamentos pensados no lazer, bem-estar e educação dos habitantes.

Respondendo ao nosso questionamento de como a cidade combatia seus problemas públicos, constatamos que a cidade passou por problemas e desafios, tanto para a população, quanto para o poder público, com a questão da seca e das grandes chuvas que ocorreram deixando-a em uma situação conflituosa por um determinado tempo, mexendo na estrutura física e emocional da cidade. Nos documentos oficiais e através dos depoimentos orais percebemos que a mesma soube em uns, de forma lenta, em outros de forma imediata, se desdobrar e se reerguer, a exemplo da indústria da seca e da construção de conjuntos habitacionais para os desabrigados da enchente.

À medida que pensamos uma cidade e em especial São José de Piranhas percebemos que a mesma se transforma e se reinventa de forma rápida e atrai em si inúmeras relações com o seu meio. Contudo observamos que mesmo com os problemas a cidade não para, pois as pessoas vivem em ritmos distintos e mesmo com os problemas os momentos de diversão e distração aparecem presentes no seu tecido. Ademais, o habitante, figura essencial da cidade, sempre tem expectativas de um futuro melhor.

Também conhecemos ao longo da pesquisa relatos cheios de desejos de melhorias para São José de Piranhas, atrelados a modernidade, a industrialização, desejos por segurança, emprego, saúde, e qualidade de vida digna de uma cidade civilizada e bem equipada. A isso

unem-se as boas lembranças e conservação que consideram pertinentes e necessárias à paisagem da cidade e ao olhar do habitante.

Cheia de vida, de história, de vivências e memórias, assim é a cidade de São José de Piranhas e foi a partir desses atributos que conseguimos desenvolver essa pesquisa havendo ainda muita coisa a se pesquisar sobre outros temas e outros períodos.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D' Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**: da escolha do tema ao quadro teórico. Petropolis, RJ: Vozes, 2005.

BENJAMIN, Walter. “O narrador, considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov”. In: _____. **OBRAS ESCOLHIDAS**, magia e técnica, arte e política. 4 ed. In. SP: brasiliense, 1985.p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. As ruas de Paris. In: _____. **PASSAGENS** 1892-1940 Belo Horizonte: Editora da UFMG: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. p.557-567.

BENJAMIN, Walter. O Flâneur. In: _____. **PASSAGENS**1892-1940 Belo Horizonte: Editora da UFMG: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. p. 557-567.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org.). **As cidades da cidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 197p. (Coleção IEAT).

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **As sete portas da cidade**. Espaço & Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos. Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, 1991.

_____, Maria Stella Martins. Permanência e ruptura no estudo das cidades. In: FERNANDES, A. e GOMES, M. A. A. de F. (Orgs.). **Cidade e História**. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador: UFBA-FAU, Anpur, 1992.

_____, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no Século XIX**: O espetáculo da Pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. Tradução por Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Maria Margarida et. Al. **As cidades no tempo**. Franca: UNESP; SP: Olho d'Água, 2005.p. 201-219. 2008.

CAVALHO, Marieta Pinheiro de. O século XVIII: Um novo Pensamento sobre a cidade In _____. **Uma ideia Ilustrada de Cidade**: as Transformações urbanas no rio de janeiro de D. João VI: (1808-1821) Rio de Janeiro: Odisseia, 2008.

COURA, Roberto. **A feira de Campina Grande**. Campina Grande: Universitária/UFCG, 2007.

DINIZ, Maria Cirana Laise. **A seca na década de 1970 em Bonito de Santa Fé: os trabalhos emergenciais.** Cajazeiras, 2013.

FARIAS, Sibelle Figueiredo De. **Recorte urbanístico da cidade de Sousa – PB (1940/50).** Cajazeiras. 2017.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. O texto em silêncio. **Ver a cidade: Cidade, imagem, leitura.** São Paulo, Nobel, 1988, p. 7-19.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral: desafios para o século XXI.** 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz - Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina; (Org.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FONSECA, Giovanna de Aquino. **O Global e o Local nas Feiras Contemporâneas: um Estudo dos Impactos Gerados pela Globalização em Feiras de Portugal e do Brasil.** Campina Grande: EDUFCEG, 2014.

FRAÇA, Suzani Silveira Lemos. As cidades dos contadores de história (século XV). In HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** 2ª Ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HOLANDA, Sergio Buarque de, 1902-1982. **Raízes do Brasil.** 26. ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

_____, Sérgio Buarque de. **O semeador e o ladrilhador.** In. Raízes do Brasil [4ª ed.]. Brasília: Ed. da UNB, 1963.

KONDER, Leandro. **Um olhar filosófico sobre a cidade.** In: PECHMAN, Robert Moses. Olhares sobre a cidade. RJ: Ed. UFRJ, 1994. P73-82.

KOSSOY, Boris. **Estética, memória e Ideologia fotográficas: decifrando a realidade interior das imagens do passado.** Acervo Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. V.6, nº 01/02, Janeiro/Dezembro, 1993.

LEFÉBVRE, Henri. “Da cidade à sociedade Urbana”. In: **A revolução urbana.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 178 p. Tradução de Sérgio Martins e revisão técnica de Margarida Maria de Andrade.

LEITÃO Deusdedit. **São José de Piranhas: Notas Para Sua História.** João Pessoa, UNIGRAF- União Artes Gráficas Ltda., 1985.

LEPETIT, BERNARD. **Por uma Nova História Urbana.** São Paulo: Edusp, 2001.

LIMA, Messias Ferreira de. **São José de Piranhas: Um pouco de Sua História:** Real, 2010.

MARINS, Paulo César Garcez. A Cidade Colonial na América Portuguesa: Morfologia Urbana Atores Sociais, Presença do Estado (salvador, séculos XVI a XVII). In: CARVALHO, M.M ; LOPES, M.A.S.; FRANÇA,S.S.L. (orgs). . **As cidades no tempo.** Franca: UNESP, São Paulo: olho d'água, 2005.

MATOS, Olgária. “O direito à paisagem”. In: PECHMAN, Robert Moses. **Olhares sobre cidade.** RJ: Ed: UFRJ, 1994. P.43-59.

MOURA, Maria Berthilde Filha. **De Filipeia à Paraíba: Uma cidade na estratégia de colonização do Brasil: séculos XVI-XVIII.** João Pessoa: IPHAN/superintendência na Paraíba, 2010. P.71-205

MUNFORD, Lewis, Santuário Aldeia e fortaleza, In. **A cidade na história:** suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 4ª ed.

MUMFORD, Lewis, Santuário Aldeia e fortaleza, In. **A cidade na história:** suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 4ª ed.

NEEDELL, Jefferey D. **Bele Époque tropical:** sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século; São Paulo. Companhia das letras, 1993.

NICOLINI, Alberto. A imagem de cidade e do território do vice-reino do peru sua construção e consolidação entre 1535 e 1581, pelo fundador Francisco Pizarro, o ouvidor Juan Matienzo e o vice-rei Francisco de Toledo. In: FRIDMAN, F.; ABREU, M. (orgs). **Cidades Latino-Americanas:** Um debate sobre a formação de núcleos Urbanos. Rio de Janeiro: casa da palavra, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma Outra Cidade:** O mundo dos excluídos no final do século XIX. 1. Ed. SP: Companhia Editora Nacional, 2001.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas** . São Paulo. Ed contexto. 2005.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Sobre o Urbanismo barroco no Brasil.** Outro Petro 1989.

REZENDE, Antônio. **(Des) Encantos Modernos: Histórias da cidade do Recife na década de vinte.** Recife: FUNDARPE, 1997.

RIBEIRO, L.C.Q. (1994). Urbanismo: olhando a cidade, agindo na sociedade. In R. Pechman (Ed), **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: EDUFRRJ.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.(coleção primeiros passos; 203).4ª reimpressão da 1ª.ed.de 1988.

SEGRE, Roberto “Havana; O resgate social da memória”. In. **O direito a memória: Patrimônio Histórico e cidadania**. DPH. São Paulo: DPH,1992.

SEVCENKO, Nicolau. A capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: Fernando a Novais (coordenador geral da coleção). República: da Belle Époque à Era do Rádio. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau: A Capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: Fernando a Novais (coordenador geral da coleção): **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA FILHO, Osmar Luiz. **Na cidade da Paraíba, o Percurso e as Tramas do Moderno**. Recife. 1999.

SILVA, Tonny César Barbosa Da. **A Cidade de Dom Expedito Lopes: desenvolvimento urbano e social (1964 – 1980)**. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2012.

VIEIRA, José Marconi Gomes. **São Jose de Piranhas Conselhos Intendentes e Prefeitos 1889-1945: A União**, 2011.

VIEIRA, José Marconi Gomes. **São Jose de Piranhas: Arena versus MDB(1965- 1982)**. João Pessoa: F&A Gráfica e Editora, 2008.

WEBER, Eugen. **França Fin-de- siècle**. Companhia das letras. 1988.

Sites:

<http://cearaemfotos.blogspot.com.br/2012/08/a-seca-de-1979-1984.html> (Acesso em 13 de nov. de 2017)

<http://www.robertoagapio.fot.br/texto01.htm> (Acesso de 18 abr. de 2017).

<https://chacombolachas.wordpress.com/2007/11/07/tempo-do-agora-o-kairos-de-walter-benjamin/> (Acesso de 20 nov. de 2017).

<https://www.youtube.com/watch?v=4Uy4QhTwPZU> (Acesso 20 de nov. de 2017).

<https://www.youtube.com/watch?v=nMe0ARUW2ns&feature=share>. (Acesso em 14 de out. de 2017).

Fontes

Livro N° 001. **Livro de Atas de Reuniões da Câmara Municipal de São José de Piranhas- PB.** Início 13/06/1969 à 06/10/1978.

Livro N° 002. **Livro de Atas de Reuniões da Câmara Municipal de São José de Piranhas- PB.** Início 10/1978 à 08/1986

Livro N° 003. **Livro de Atas de Reuniões da Câmara Municipal de São José de Piranhas- PB.** Início 1986 a 1993.

CAVALCANTE, Rosemare Amorim de Oliveira. **Entrevista concedida ao autor.** São Jose de Piranhas. 08 de abril de 2018.

MENÊSES, Vanderlíta de. **Entrevista concedida ao autor.** São Jose de Piranhas. 06 de abril de 2018.

NASCIMENTO, Antônia dos Santos. **Entrevista concedida ao autor.** São Jose de Piranhas. 09 de abril de 2018.

NASCIMENTO, Maria Dolores dos Santos. **Entrevista concedida ao autor.** São Jose de Piranhas. 07 de abril de 2018.

SOUSA, Antônio Bezerra de. **Entrevista concedida ao autor.** São Jose de Piranhas. 05 de abril de 2018.

Fotografias da cidade de São José de Piranhas disponíveis em:

<https://www.facebook.com/marconicruzesouza>

https://www.facebook.com/valmir.lira.7/media_set?set=a.472542689502240.1073741835.100002395396642&type=3

ANEXOS

Conselho Nacional de Saúde | Plataforma Brasil

plataformabrasil.saude.gov.br/visao/pesquisador/gerirPesquisa/gerirPesquisaAgrupador.jsf

Apps | Compras e pagamentos | Bateria Sonyvaio Sve | Principais teclas de atalho | calça apertada - Pes: BATALHA DOS CONDOMINIOS | Nova guia | Animated interactive

Saúde
Ministério da Saúde

Plataforma Brasil

Público | Pesquisador | Alterar Meus Dados

Cadastrados

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: São José de Piranhas - PB: Memória do Espaço e Projeção do Urbano nas décadas de 1970 e 1980
 Pesquisador Responsável: OSMAR LUIZ DA SILVA FILHO
 Área Temática:
 Versão: 1
 CAAE: 84123518.6.0000.5575
 Submetido em: 27/02/2018
 Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
 Situação da Versão do Projeto: Aprovado
 Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
 Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Recepção PE_COMPROVANTE_RECEPCAO_1074104

DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

| Tipo de Documento | Situação | Arquivo | Postagem | Ações |
|--|----------|---------|----------|-------|
| <ul style="list-style-type: none"> ↳ Versão Atual Aprovada (PO) - Versão 1 <ul style="list-style-type: none"> ↳ Pendência Documental (PO) - Versão 1 <ul style="list-style-type: none"> ↳ Documentos do Projeto <ul style="list-style-type: none"> ↳ Comprovante de Recepção - Submissão 1 ↳ Cronograma - Submissão 2 ↳ Declaração de Pesquisadores - Submissão 2 ↳ Folha de Rosto - Submissão 2 | | | | |



Conselho Nacional de Saúde | Plataforma Brasil

plataformabrasil.saude.gov.br/visao/pesquisador/gerirPesquisa/gerirPesquisaAgrupador.jsf

Apps | Compras e pagamentos | Bateria Sonyvaio Sve | Principais teclas de atalho | calça apertada - Pes: BATALHA DOS CONDOMINIOS | Nova guia | Animated interactive

Submetido em: 27/02/2018
 Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
 Situação da Versão do Projeto: Aprovado
 Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
 Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Comprovante de Recepção PE_COMPROVANTE_RECEPCAO_1074104



DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

| Tipo de Documento | Situação | Arquivo | Postagem | Ações |
|---|----------|---------|----------|-------|
| <ul style="list-style-type: none"> ↳ Versão Atual Aprovada (PO) - Versão 1 <ul style="list-style-type: none"> ↳ Pendência Documental (PO) - Versão 1 <ul style="list-style-type: none"> ↳ Documentos do Projeto <ul style="list-style-type: none"> ↳ Comprovante de Recepção - Submissão 1 ↳ Cronograma - Submissão 2 ↳ Declaração de Pesquisadores - Submissão 2 ↳ Folha de Rosto - Submissão 2 ↳ Informações Básicas do Projeto - Submissão 2 ↳ Outros - Submissão 2 ↳ Projeto Detalhado / Brochura Investigação - Submissão 2 ↳ TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa - Submissão 2 ↳ Apreciação 2 - UFCG - Centro de Formação em Saúde - Submissão 2 ↳ Projeto Completo | | | | |

LISTA DE APRECIÇÕES DO PROJETO

| Apreciação * | Pesquisador Responsável * | Versão * | Submissão * | Modificação * | Situação * | Exclusivo do Centro Coord. * | Ações |
|--------------|---------------------------|----------|-------------|---------------|------------|------------------------------|-----------|
| PO | OSMAR LUIZ DA SILVA FILHO | 1 | 27/02/2018 | 14/03/2018 | Aprovado | Não | ⌵ ⌵ ⌵ ⌵ ⌵ |

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada "**São José de Piranhas – PB: Memória do Espaço e Projeção do Urbano nas décadas de 1970 e 1980**" que tem como objetivo analisar a memória e o espaço da cidade de São José de Piranhas, estado da Paraíba, nas décadas de 1970 e 1980 pensando a mesma como uma cidade regular e planejada que nasce projetando um futuro, pelo combate de seus problemas públicos, seus desafios sociais e de crescimento. Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema relacionado às suas vivências específicas em torno de algum evento que possa envolver sua vida na cidade. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: **olhar mais humano sobre a cidade de São José de Piranhas, tendo em vista o respeito por seus ritmos de tempo passados, valores e costumes compartilhados entre os habitantes, mantendo-os como membros de uma comunidade urbana que tem projetos para o presente e orgulho de seu passado na cidade. Em igual medida, um olhar de valorização a um lugar de produção humana, que é moradia dos homens, lugar de utopia, além de ser centro administrativo, político e de produção cultural. Cabe aqui colocar o seu olhar como habitante sobre os desafios que sua experiência humana e dos seus tem enfrentado ao longo dos anos.**

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável **Osmar Luiz da Silva Filho** Orientador da pesquisa, fone (83) 9372-9043. E-mail osmarluizfilho@hotmail.com, ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, M^{te} DOLÓRES DOS SANTOS NASCIMENTOS, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

São José de Piranhas, 07 de abril de 2018.

M^{te} Dolores dos Santos Nascimento
Assinatura do (a) participante

Mônica de Lima Roberto
Assinatura do (a) pesquisador (a)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada "**São José de Piranhas – PB: Memória do Espaço e Projeção do Urbano nas décadas de 1970 e 1980**" que tem como objetivo analisar a memória e o espaço da cidade de São José de Piranhas, estado da Paraíba, nas décadas de 1970 e 1980 pensando a mesma como uma cidade regular e planejada que nasce projetando um futuro, pelo combate de seus problemas públicos, seus desafios sociais e de crescimento. Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema relacionado às suas vivências específicas em torno de algum evento que possa envolver sua vida na cidade. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: **um olhar mais humano sobre a cidade de São José de Piranhas, tendo em vista o respeito por seus ritmos de tempo passados, valores e costumes compartilhados entre os habitantes, mantendo-os como membros de uma comunidade urbana que tem projetos para o presente e orgulho de seu passado na cidade. Em igual medida, um olhar de valorização a um lugar de produção humana, que é moradia dos homens, lugar de utopia, além de ser centro administrativo, político e de produção cultural. Cabe aqui colocar o seu olhar como habitante sobre os desafios que sua experiência humana e dos seus tem enfrentado ao longo dos anos.**

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável **Osmar Luiz da Silva Filho** Orientador da pesquisa, fone (83) 9372-9043. E-mail osmarluizfilho@hotmail.com, ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, ROSEMARE AMORIM DE O. CAVALCANTE, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

São José de Piranhas, 08 de abril de 2018.

Rosemare Amorim de O. Cavalcante

Assinatura do (a) participante

Mônica de Lima Roberto

Assinatura do (a) pesquisador (a)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada **"São José de Piranhas – PB: Memória do Espaço e Projeção do Urbano nas décadas de 1970 e 1980"** que tem como objetivo analisar a memória e o espaço da cidade de São José de Piranhas, estado da Paraíba, nas décadas de 1970 e 1980 pensando a mesma como uma cidade regular e planejada que nasce projetando um futuro, pelo combate de seus problemas públicos, seus desafios sociais e de crescimento. Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema relacionado às suas vivências específicas em torno de algum evento que possa envolver sua vida na cidade. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: **um olhar mais humano sobre a cidade de São José de Piranhas, tendo em vista o respeito por seus ritmos de tempo passados, valores e costumes compartilhados entre os habitantes, mantendo-os como membros de uma comunidade urbana que tem projetos para o presente e orgulho de seu passado na cidade. Em igual medida, um olhar de valorização a um lugar de produção humana, que é moradia dos homens, lugar de utopia, além de ser centro administrativo, político e de produção cultural. Cabe aqui colocar o seu olhar como habitante sobre os desafios que sua experiência humana e dos seus tem enfrentado ao longo dos anos.**

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável **Osmar Luiz da Silva Filho** Orientador da pesquisa, fone (83) 9372-9043. E-mail osmarluizfilho@hotmail.com, ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, ANTONIA DOS SANTOS NASCIMENTO, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

São José de Piranhas, 09 de abril de 2018.

Antônia dos Santos Nascimento Mônica de Lima Roberto
Assinatura do (a) participante Assinatura do (a) pesquisador (a)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada “**São José de Piranhas – PB: Memória do Espaço e Projeção do Urbano nas décadas de 1970 e 1980**” que tem como objetivo analisar a memória e o espaço da cidade de São José de Piranhas, estado da Paraíba, nas décadas de 1970 e 1980 pensando a mesma como uma cidade regular e planejada que nasce projetando um futuro, pelo combate de seus problemas públicos, seus desafios sociais e de crescimento. Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

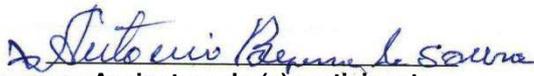
Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema relacionado às suas vivências específicas em torno de algum evento que possa envolver sua vida na cidade. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: **um olhar mais humano sobre a cidade de São José de Piranhas, tendo em vista o respeito por seus ritmos de tempo passados, valores e costumes compartilhados entre os habitantes, mantendo-os como membros de uma comunidade urbana que tem projetos para o presente e orgulho de seu passado na cidade. Em igual medida, um olhar de valorização a um lugar de produção humana, que é moradia dos homens, lugar de utopia, além de ser centro administrativo, político e de produção cultural. Cabe aqui colocar o seu olhar como habitante sobre os desafios que sua experiência humana e dos seus tem enfrentado ao longo dos anos.**

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável **Osmar Luiz da Silva Filho** Orientador da pesquisa, fone (83) 9372-9043. E-mail osmarluizfilho@hotmail.com, ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, ANTÔNIO BEZERRA DE SOUSA, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

São José de Piranhas, 05 de abril de 2018.


Assinatura do (a) participante


Assinatura do (a) pesquisador (a)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada "**São José de Piranhas – PB: Memória e Espaço nas décadas de 1970 e 1980**" que tem como objetivo analisar a memória e o espaço da cidade de São José de Piranhas, estado da Paraíba, nas décadas de 1970 e 1980 pensando a mesma como uma cidade regular e planejada que nasce projetando um futuro, pelo combate de seus problemas públicos, seus desafios sociais e de crescimento. Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

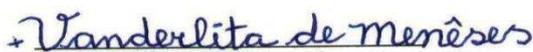
Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema relacionado às suas vivências específicas em torno de algum evento que possa envolver sua vida na cidade. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: **um olhar mais humano sobre a cidade de São José de Piranhas, tendo em vista o respeito por seus ritmos de tempo passados, valores e costumes compartilhados entre os habitantes, mantendo-os como membros de uma comunidade urbana que tem projetos para o presente e orgulho de seu passado na cidade. Em igual medida, um olhar de valorização a um lugar de produção humana, que é moradia dos homens, lugar de utopia, além de ser centro administrativo, político e de produção cultural. Cabe aqui colocar o seu olhar como habitante sobre os desafios que sua experiência humana e dos seus tem enfrentado ao longo dos anos.**

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

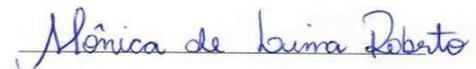
Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável **Osmar Luiz da Silva Filho** Orientador da pesquisa, fone (83) 9372-9043. E-mail osmarluizfilho@hotmail.com, ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, VANDERLITA DE MENÊSES, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

São José de Piranhas, 06 de abril de 2018.



Assinatura do (a) participante



Assinatura do (a) pesquisador (a)

APÊNDICES

Entrevistas

Maria Dolores Nascimento Gomes

Eu: Boa tarde Eu: Eu Me chamo Mônica de Lima Roberto Sou estudante do Curso de Licenciatura Plena em Historia pela Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Formação de Professores. Unidade Acadêmica de Ciências Sociais. Campos V. Cajazeiras PB. Hoje dia sete de abril de dois mil e dezoito. Estou aqui na residência do senhora MARIA DOLORES NASCIMENTO GOMES Profissão: professora, localizada a Rua: PADRE NICOLAU LEITE, na cidade de São José de Piranhas para entrevista-la em virtude da pesquisa.

Eu: Maria Dolores, Gostaria de saber se a senhora me concede essa entrevista e se através dessa poderíamos conversar mais um pouco sobre a cidade de São José de Piranhas? Nos anos 70 e 80?

Ela: Sim podemos, concedo.

Eu: Primeiramente eu gostaria de saber a quanto tempo mora na cidade?

Ela: Desde 1971 a 46 anos é?

Eu: Hoje a senhora mora no centro e antes chegou a morar em outro bairro?

Ela: antes é... Cheguei a morar lá naquela rua perto dos correios, também morei na rua próximo ao duque de Caxias, na rua de dona Elizete aqui na Sabino noqueira que também é centro e durante esse período apenas um ano morei fora.

Eu: o que você lembra da cidade no anos 70?

Ela: Dos anos 70 mais especificamente posso dizer que me lembro de pouca coisa porque foi um período da adolescência e eu vinha da zona rural, nós éramos uma família que víamos da zona rural e viemos morar na cidade, mas assim eu era uma menina muito tímida e a minha vivência era praticamente da família para a escola né? Ai eu fui estudar no Duque de Caxias fiz o 4º ano primário, eu fui uma menina e uma adolescente muito tímida meu grupo de amigos era muito resumido.

Eu: Quais as maiores dificuldades encontradas na cidade na época na sua opinião?

Ela: Eu não sei detalhar assim, o que foi, qual era, não lembro, não recordo de algo específico, assim a cidade era mais calma, pacata, as famílias mais simples, porque hoje São José de Piranhas, deu um salto gigantesco né? Os problemas são muitos, mas naquela época, eu era muito recolhida assim ao meu núcleo familiar e eu não tenho recordação de coisas que afetavam a população.

Eu: O que a cidade oferecia em termos de diversão naquele tempo?

Ela: Eram reuniões na casa de amigos, era na praça, nas calçadas, conversando com os amigos, ou em aniversários, tinha também o jatobá clube que agente tinha acesso e começou a frequentar o jatobá clube nas festas principais, natal era as tertúlias nos finais de semana, isso era na década de 70.

Eu: Você acha que a paisagem da cidade mudou muito? O que em sua opinião deveria ter sido conservado?

Ela: Mudou sim, mudou porque ela se expandiu né? Como cidade como um centro urbano, cresceu, mudou muito e sim com certeza deveria ter se conservado inclusive é uma coisa que nos da tristeza é isso, porque São José de Piranhas não tem um passado histórico com relação a prédios e construções, e isso entristece agente porque casas residenciais antigas acredito que poderiam ter sido tombadas, para poder agente ter o que mostrar não é? Quem tem fotografias do passado mostra e quem não tem? Outro dia fiz um trabalho com uma turma agente foi fazer uma incursão aqui pelos pontos principais da cidade atrás de prédios antigos, mas nós praticamente não encontramos o que mostrar a esses alunos.

Eu: Você lembra como era o acesso às escolas nos anos 80 aqui na cidade?

Ela: o acesso era fácil, acredito que naquele tempo a escola era muito mais valorizada, do que hoje, muito embora a diversidade a escola se popularizou mas, é escola para todos né?! Como agente pode dizer, hoje eu vejo que a escola não está sendo mais essa instituição que forma que educa que seja valorizada, naquela época era mais.

Eu: Mas você vê esse como sendo um problema de São José de Piranhas ou geral?

Ela: Geral, não só de São José de Piranhas.

Eu: Em 1983 tivemos uma grande seca na região nordeste, você lembra? Em consequência a isso surgiram as “emergências”, o que você pode falar sobre isso.

Ela: Eu lembro pouca coisa, eu lembro do povo indo trabalhar, porque abria aquelas frentes de Emergência, com trabalhadores e agente via aquela correria muita gente né? Porque não tinha realmente algo pra se cultivar na agricultura, por falta das chuvas e foram abertas mesmo essas frentes de emergência.

Eu: Em 1985 a cidade comemorava seu centenário você participou desse momento? Lembra-se de algo especial?

Ela: Eu lembro, lembro um pouco da festa, foi um evento muito grande, foi um momento que muitos filhos de São José de Piranhas vieram de fora para essa festa, eles fizeram uma carreata muito bonita com a chagada desses filhos ilustres que moravam fora. Na minha casa estava tudo bom eu não era casada ainda, estava namorando, estava de bem com a vida, a família já estava bem estruturada com relação à época que chegamos aqui, quando agente veio em 71, estava num período bom com a minha família.

Eu: Em abril de 1985 o açude que abastecia a cidade se rompeu e afetou grande parte da cidade, o que você recorda desse episódio.

Ela: Eu lembro muito da correria, quando o açude foi embora, da hora que foi um apagão com muita correria, com aquela chuva interminável, foi uma noite de muito aperreio, e muito sofrimento, as pessoas que moravam nas margens por onde corria o riacho queriam sair pra se proteger, foi um momento difícil, de aflição realmente.

Eu: A feira livre sempre foi uma das grandes atrações de nossa cidade, que tipo de experiência você lembra da mesma, e quais as principais diferenças da que temos hoje?

Ela: naquela época eles traziam muitos produtos cultivados na agricultura por aqui, muito feijão farinha, fava, inclusive meu pai era um desses feirantes nós produzíamos a farinha de mandioca, e ele vinha vender, hoje tá moderno, tá modernizado né.

Eu: como você vê a feira de São José de Piranhas hoje?

Ela: Bem diversificada, esses últimos dias, mais atuais houve uma queda, mas a feira de São José de piranhas é bem diversificada, tudo se encontra por lá, de produtos da região e até vindos de fora, eles trazem muitos produtos de campina grande, verduras, hortaliças e está moderna.

Eu: como você vê a cidade de São José de Piranhas hoje?

Ela: eu acho que ela cresceu demograficamente a construção civil, cresceu, mas, assim ainda acho o município atrasado, porque nós temos no nosso município muitos jovens que poderiam desenvolver algumas atividades numa profissão aqui, mas não há esse campo não nós não temos industrias né, o comercio não valoriza o trabalhador, o comerciário, acredito que... até nem sei se tem sindicato comerciário aqui em São José de Piranhas e eu acho que ainda precisava abrir muito espaço, na indústria na fabricação poderia ter uma coisa mais expandida, como sandália, uma coisa que pudesse gerar emprego pra a população, porque agente ainda tem esse grave problema que muita gente sai pra furadinha, e isso tem mexido na estrutura da família porque o pai viaja pra obter esse dinheiro pra manutenção da família e termina deixando aqui a esposa e os filhos e muitas vezes isso ta se tornando um problema e grande e nós temos muitos casos de adolescentes que querem acompanhar os pais com essa história de furadinha, pois eles precisam se ausentar de seu município que eles podiam crescer aqui, fazer um curso profissionalizante, investir na profissão e ajudar a família aqui, e ai estão é saindo pra ir conseguir isso lá fora.

Eu: você sente saudade de alguma coisa que tinha ou que era possível fazer na cidade e hoje não pode?

Ela: ahh, a tranquilidade, aquele clima de tranquilidade eu sei que todo progresso traz mudanças, assim na organização e assim a cidade foi crescendo e com esse crescimento vieram os problemas, e hoje São José de piranhas não é mais como o exemplo da maioria das outras

Eu: Maria Dolores muito obrigada pela sua atenção e colaboração com as informações.

Ela: Por nada espero ter contribuído e ter colaborado com o seu trabalho, e será ou foi um prazer ter ajudado de qualquer forma.

ENTREVISTA

Rosemare Amorim

EU: Boa tarde

EU: Eu Me chamo Mônica de Lima Roberto Sou estudante do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Formação de Professores. Unidade Acadêmica de Ciências Sociais. Campos V. Cajazeiras PB. Hoje dia oito de abril de dois mil e dezoito. Estou aqui na residência do senhora Rosemare Amorim. Profissão: Aposentada, localizada no centro da cidade de São José de Piranhas para entrevista-la em virtude da pesquisa.

EU: Dona Rosemare primeiramente eu gostaria de saber se a senhora me concede essa entrevista e se posso fazer uso dela no meu trabalho?

ELA: Pois não concedo sim!

Eu: Primeiramente eu gostaria de saber a quanto tempo mora em São José de Piranhas?

Ela: Eu moro aqui desde 1958, meu pai e a gente morava no sítio e a gente veio pra aqui em 58 e desde 58 que moro aqui.

Eu: O que se lembra da cidade no anos 70 e nos anos 80?

Ela: 70 eu só me lembro bem de minha vida particular porque em 70 foi o ano que eu me casei fui morar naquela rua Sabino Cipriano,

Eu: O que você achou da gestão dos prefeitos Joaquim Lacerda Leite e de Luiz Alberto de Paiva Joaquim Lacerda neto?

Ela: Eu lembro muito pouco das coisas de Joaquim Lacerda Leite só me lembro muito de Joaquim Lacerda sentado na calçada de perna pra cima se balançando na cadeira (risos), ai depois veio a administração de Luiz Alberto de Paiva né, quando ele entrou na prefeitura ai com pouco tempo ele me chamou pra trabalhar no polo nordeste assim foi uma boa administração, Luiz Alberto fez muita coisa pela cidade deu muita assistência, era um prefeito muito popular ele ia uma festa ali no jatobar clube o carnaval, a gente brincava a noite todinha de carnaval quando era o outro dia a gente vinha aqui pra Maria Rita e ele ficava até 7, 8 horas da manhã com o povo, ele toda vida foi um prefeito nota 10, a administração dele, foi

quem construiu prefeitura, rodoviária, açougue público, matadouro, campo de futebol, fez muita coisa o colégio estadual lá em baixo muita coisa, muita coisa mesmo e é porque naquela época não tinha as facilidades de se conseguir verba de se conseguir isso pra reforma, pra fazer isso fazer aquilo, não era como hoje que os prefeito consegue tudo.

EU: Quais as maiores dificuldades encontradas na cidade na época na sua opinião?

ELA: nesse setor mesmo de educação de saúde no setor de ação social, que hoje vem as verbas destinadas pra tudo, que eu já trabalhei na ação social eu sei, vem as verbas pra isso praquilo e antigamente não tinha isso. No tempo de Luiz Alberto o setor de saúde tinha Dr. Oseas aqui e tinha a maternidade, digamos toda mulher pra parir era a maternidade, só quando não dava certo mesmo que irapuã encaminhava, os outro era com Dr. Oseas só quando era caso de urgência mesmo que o médico mandava tirar era que tirava pra fora, mas o resto era atendido por aqui mesmo.

Eu: O que a cidade oferecia em termos de diversão naquele tempo?

Ela: Era o jatobá clube, as festas do jatobá clube eram as festas sociais, era umas festas muito boa, as festas tradicionais mesmo daí era, o natal que fazia, depois de meia noite todo mundo ia pro clube, era a do natal, ano novo, réveillon, São Pedro e o carnaval tocava ai os quatro dias de carnaval, festa pra chique mesmo. O carnaval e o São Pedro eram as festas tradicionais, e as vezes vinha bandas, era difícil eles trazer mais eles trazia. Era festa paga, tinha os sócios e tinha um regimento muito severo eu com 16 anos pra entrar no clube foi obrigado Toin (Marido) assinar um termo de compromisso, ai depois foi que acanaiou depois de Bosco Vieira passou pra Edmar (ex sócios) foi acanilhação ai invadiram mesmo entrava todo mundo não tinha negócio de sócio, Mas era muito bonita as festas a primeira festa universitária aqui foi uma semana de festa minha irmã Rizomar era uma delas. As festa daqui era muito elegante, o reveion ai por gosto podia se vê tinha por obrigação de ter três roupas novas como diz a história no final do ano, porque era três festa, três roupa nova, era a do natal, a do réveillon, e a do dia de ano, dia de anos agente vestia uma roupa nova só pra ficar passeando, eu Euzita, Marilene que agente era muito amiga, mais eu e Euzita, agente tinha que ter uma roupa nova pra vestir dia de ano. Ai tinha também as festa de padroeiro, tinha as quermesses, de São José que era uma festa muito bonita, uma vez eu fui até rainha ai dos partidos tinha azul e vermelho, ai eu fui do partido vermelho, que trabalhava era dona Zefinha, Chiquinha um bocado de senhoras que trabalhava, ai eu fui a rainha da está de São

José. A semana santa era muito bonita, era festa da igreja o dia todin, a igreja aberta, tinha aquelas penitencia que o povo fazia, era muito bonita viu a semana santa, bem comemorada.

Eu: Você acha que a paisagem da cidade mudou muito? O que na sua opinião deveria ter sido conservado?

Ela: Mudou, mudou muito, assim em parte, porque olhe tinha um prédios aqui que deveria ter sido conservado, como a casa de Dona Neves, a casa de Joaquim Ribeiro, a casa de Maria Eulália, que era uma casa do outro lado ali, assim uns prédios umas casas que deviam ter sido conservada, a casa paroquial que devia ter sido reformada mais deixando a estrutura que ela tinha antes, era uma casa da estrutura muito bonita, à frente da casa era muito bonita, era pra eles ter reformado, mas conservado a fachada, hoje dessas casas e desses prédio só tem a casa de Dona Dom Dom ali, que nunca tirou a estrutura dela, toda vida eles manda limpar manda pintar mais é do mesmo jeito, e outras coisas melhoraram né. Digamos a Rodoviária não era pra ter sido tirada daqui, não tinha necessidade, porque é uma cidade pequena, que passa pouco ônibus e a rodoviária era muito bonita, muito bonita mesmo, pra depois fazer um quichó daquele, que fizeram lá em cima que não serve de nada. Ali do outro lado que chamava comercio grande, como em cajazeiras tinha aquelas bancas dentro do comercio, fulano tinha a sua sicrano tinha a sua, um lado e outro ali, eram prédios que deviam ter sido conservado, Não tirar e fazer umas porcarias como fizeram, meche prum canto meche pra outro e não fizeram nada de futuro.

Eu: No ano de 1970 inaugurou-se a CAGEPA, antes disso você lembra como era o abastecimento da cidade?

Ela: Antes eu me lembro que o povo pegava água, nuns canto que tinha, cansei de vê, meu pai morava ali em baixo no ano de 70 meu pai pegava muita água ali por trás, que ali por trás era um sitio, ali não tinha casa não, ali, já era entrando no sitio de dona Dom Dom, ai meu pai sempre vinha água de lá, e eu via muita gente comprando água, comprava água, naquele tempo ou a pessoa mesmo ia butar ou comprava.

Eu: Você lembra como era o acesso a escola nos anos 80 aqui na cidade?

Ela: olhe as escolhas que tinha como diz a história atendia a necessidade, a população não era grande como as de hoje ne, era pequena, naquela época eu acho que era 12 mil habitantes era nessa facha, o colégio estadual supriu muito com a situação dos estudantes da cidade e a

escola do estado funcionava ali na Santa Maria Gorete ai depois foi transferida pra lá, era até escola São José que foi pra lá e ai ficou a Santa Maria Gorete e a escola Normal foi fundada.

Eu: Em 1983 tivemos uma grande seca na região nordeste, você lembra? Em consequência a essa seca surgiu as “emergências”, o que você pode falar sobre isso?

Ela: Eu lembro que até começou assim esse negócio de emergência e tinha as evasões que o povo vinha evadir as coisas as feiras, as coisas o prefeito fazias aquelas coisas pra distribuir as sextas básica, porque quando ele vinham eles invadia tudo a feira os prédios onde tinha coisa de comer, eles se juntavam o pessoal do sitio com o pessoal daqui mesmo que não tinha o que comer, era assim. A casa de João Firmino e funcionou a EMATER, ai nas emergência o povo vinha pra se alistar ai, faziam as filas bem grande aqui, até que um dia um cara deu tiro e matou um ai na fila, eles se alistava pra entrar na emergência pra ir trabalhar, ai houve poucas evasões.

Eu: Em 1985 a cidade comemorava seu centenário você participou desse momento?

Ela: Foi como diz a história houve a festa houve os desfiles das escolas, inaugurações.

Eu: Em abril de 1985 o açude que abastecia a cidade se rompeu e afetou grande parte da cidade, o que você recorda desse episódio.

Ela: lembro, eu já morava aqui, a família e os pais de Toin (Marido) Moravam ali em baixo ai quando o açude se rompeu foi de noite, foi um alvoroço na cidade, um pânico, o sino da igreja tocava e o povo estava como diz a história com as mãos na cabeça, Toin (Marido) pegou o carro foi busca a família dele, que ele teve medo do açude de dona Dom Dom se rompesse e aqui em casa encheu, encheu de gente, porque aqui era mais alto, e só via o clamor no meio do mundo, grito, choro, e a chuva trubada e quando foi de manhã agente já viu os estragos. A chuva foi na facha da meia noite, porque eu me lembro muito bem que agente já tava deitado, quando começou a chuva, a chuva, o sino da igreja tocando e faltou energia ai pronto, ele se levantou e ficou todo mundo o açude foi embora o açude foi embora, o clamor, ai Toin (Marido) foi buscar o povo da mãe, o pai, a irmã, o povo que morava lá tudo, vieram tudo praqui encheu o povo chega era tudo em pé, na sala no terraço porque não tinha lugar pra sentar.

Eu: A feira livre sempre foi uma das grandes atrações de nossa cidade, que tipo de experiência você lembra da mesma, e quais as principais diferenças da que temos hoje?

Ela: Eu lembro da feira o seguinte, eu faço como diz a história, a gente tinha por obrigação de nas segunda feiras de manhã, descer pra feira pra fazer a feira, fruta verdura, tinha que fazer, eu lembro muito que houve um tempo que ela era ali, em frente a Zé do peixe, depois veio praqui ai depois quando começaram a mexer nos comércios nas outras coisas foi que botaram ali pra baixo, mas ela começava aqui, só era passar a rua, ai depois foi que foram descendo e botaram lá pra baixo. Era muita gente você andava na feira num era assim como hoje que não parece nem dia de feira, o comercio ai nas feiras de ligume, ali do lado da coletoria, com caixão de rapadura, os sacos de feijão, de arroz de farinha, goma, era tudo pracula, praqueles lado, e tinha gente que vendia esses tipos de cereais dentro do comercio, os sacos, as sacaradas lá cada um tinha seu ponto,

EU: Como você vê a cidade de São José de Piranhas hoje?

Ela: Eu acho o seguinte, em parte ela se desenvolveu, mas tem muitas coisas que precisa ser melhorada, muitas, na parte da saúde na parte da cultura, do lazer de segurança, porque o lazer daqui hoje é uma praça cheia de bar é o que tem hoje em dia aqui em São José de Piranhas, de primeiro, eu mesmo quando era solteira agente ia pra praça, eu Marileide, Euzita, esse povo, agente ia pra praça, volteava a praça, sentava nos bancos, hoje você não pode dar uma volta na praça só é mesa de bar e bar nada mais né.

Eu: Muito Obrigada pelas informações e por colaborar com minha pesquisa.

Ela: Por nada, tem coisa que agente não sabe, que não lembra mais.

ENTREVISTA

Vanderlita de Meneses

1- Boa noite

2- Eu Me chamo Mônica de Lima Roberto Sou estudante do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Formação de Professores. Unidade Acadêmica de Ciências Sociais. Campos V. Cajazeiras PB. Hoje dia seis de abril de dois mil e dezoito. Estou aqui na residência do senhora Vanderlita de Meneses, Profissão: agente comunitária de saúde, localizada a Rua: Dito de Moraes , S/n, Bairro São Sebastião, na cidade de São José de Piranhas para entrevista-lo em virtude da pesquisa.

EU: Vanderlita Gostaria de saber se a senhora me concede essa entrevista e se através dessa poderíamos conversar mais um pouco sobre a cidade de São José de Piranhas? Nos anos 70 e 80?

Ela: concedo sim, com prazer.

Eu: Primeiramente eu gostaria de saber a quanto tempo mora na cidade?

Ela: Desde a hora que nasci há 51 anos atrás.

Eu: Qual a principal diferença que você vê no bairro hoje que difere dos anos 70 e 80?

Ela: Porque hoje tem praça, tem bares, a rua está calçada e antigamente aqui era terra, as casinhas era de taipa tinha muito pouca de alvenaria, e hoje testemunha grande diferença está bem mais bonito.

Eu: O que você achou da gestão dos prefeitos Joaquim Lacerda leite?

Ela: foi boa, ajudou muito, foi o tempo que ele construí-o essa praça, quando nós era zeladoras dessa praça, aqui tinha várias zeladoras que tinha seu canteiro de planta, e agente plantava , quem plantava a planta mais bonita sempre tinha um prêmio dele, qualquer pessoa podia ser zeladora porque tinha várias divisões da praça, hoje, não tem mais, mas antes tinha várias divisões ai tinha os canteiros, cada um plantava aquele canteiro se interessava de plantar plantas mais bonitas pra ganhar das outras, ai sempre ele trazia, naquela época chamava de corte de pano, que era o tecido, trazia e premiava nós tudin, as donas desses canteiros com esses tecido.

Eu: Sobre a gestão de Luiz Alberto de Paiva?

Ela: Foi a melhor gestão que São José de Piranhas já teve, a mais organizada na saúde, nos desfiles do dia 24 de setembro só Luiz Alberto de Paiva que fez desfile de ficar na memória de todo mundo mesmo, de tão bem organizado que era.

Eu: Quais as maiores dificuldades encontradas na cidade na época na sua opinião?

Ela: Era médicos que não tinha, qualquer doença que aparecia precisava ir pra cajazeiras, abastecimento de água que não tinha nós carregava água na cabeça lá de baixo da cacimba de Manel Bala ou de Joãozin Guarda, tinha essas dificuldades, não tinha a geladeira pra conservar os alimentos, era preciso tá comendo carne salgada, não tinha calçamento aqui, tudo era terra.

Eu: Nas atas públicas eles solicitam muito uma televisão para o bairro São Sebastião você chegou a assistir algo nessa televisão?

Ela: Aqui mesmo na praça São Sebastião tinha aqui do lado a televisão o guarda era João de Grossa ele tinha um tamboretin ligava a televisão ficava até 10, 10:30 todo mundo sentado no chão assistindo, quando chegava o horário ele desligava a televisão pegava o tamboretin dele e levava pra casa.

Eu: Em termos de festa na sua juventude onde você frequentava?

Ela: Logo quando construíram o clube que tinha as tertúlias agente ia, não era todas as tertúlias porque naquele tempo era mais difícil os pais conceder a pessoa sair de casa.

Eu: Você acha que a paisagem da cidade mudou muito? O mudou que na sua opinião deveria ter sido conservado?

Ela: Mudou as casas mais velhas assim que era patrimônio devia ter sido conservada como a rodoviária, nunca era pra ter sido derrubada aquela rodoviária, o estádio Marconi Cruz de Lacerda numa situação dessa que tá aí derrubado, o clube ter sido fechado do jeito que foi e a casa de dona Neves nunca eram pra ter conseguido derrubar aquela casa que coisa histórica da cidade e muitas outras né.

Eu: No ano de 1970 inaugurou-se a cagepa, antes disso você lembra como era o abastecimento da cidade?

Ela: Era carregando água em jumento, nas ancoretas e como eu disse era carregando água na cabeça também, no galão no ombro na cacimba no rio que passa aqui perto nas terra do senhor mané bala e Joãozin Braz , quem queria agua tinha que ir lá pra cacimba esperar numa fila danada, enchia os galão que era duas lata amarrada por uma corda num pau no ombro e trazia pra casa. Acho que essa cabeça chata foi de tanto carregar água na cabeça.

Eu: Você lembra como era o acesso a escola nos anos 80 aqui na cidade?

Ela: Era fácil, porque pelo menos para o pessoal da zona urbana sempre teve facilidade pra estudar porque o acesso a escola São Sebastião, Santo Antônio, pro santa Maria Gorete, pro Duque de Caxias, pro Luiz Alberto, pro Prefeito Joaquim Lacerda que é o Estadual, sempre ficou próximo né, eu estudei no grupo Santo Antônio, depois fui pro Joaquim Lacerda leite e depois fiz o pedagógico na Santa Maria Gorete que era o normal.

EU: em 1983 tivemos uma grande seca na região nordeste, em consequência a isso surgiram as “emergências”, o que você pode falar sobre isso.

Ela: Lembro pai saindo pra ir pra emergência, mãe também deixava nós em casa pra ir, Vanderlei que era o mais velho ficava com nós e mãe ia pra emergência pra poder ser apontada, bater o ponto porque tinha o fiscal que tinha que apontar mesmo que quando o fiscal apontasse voltasse e viesse tomar de conta da gente, eles trabalhavam quebrando pedra, muitos era quebrando pedra.

Eu: Em abril de 1985 o açude que abastecia a cidade se rompeu e afetou grande parte da cidade, o que você recorda desse episódio.

Ela: Foi uma noite de terror, uma noite muito agonizante, porque chegaram dizendo que a água ia chegar até aqui em casa e meu primo Divaldo veio com o carro, minha vó tinha acabado de ficar viúva, ai ele colocou minha vó, minhas tias, minha mãe, eu e dois sobrinho, no carro pra saída de Cajazeiras no carro que lá era auto e era mais seguro, a gente ficou lá até o dia amanhecer pra ver se dava pra chegar em casa. Foi uma noite de desespero maior do mundo, pai ficou em casa chorando mais botou nós pra ir com medo, da água chegar até aqui e não ter como salvar todo mundo, mãe tava com Marcelo, que era o neto dela mais velho enrolou um pano e saímos correndo, pra saída de Cajazeiras numa casa vea que tinha lá, pra evitar que a água chegasse e acontecesse o pior.

Eu: No dia seguinte você lembra como ficou o cenário da cidade depois desse episódio?

Ela: Ficou destruído, carregou muito móvel, casa, era só vendo a correnteza passando carregando colchão televisão, geladeira, cama, tudo, destruiu mesmo, muito, muito a cidade.

Eu: A feira livre sempre foi uma das grandes atrações de nossa cidade, que tipo de experiência você lembra da mesma, e quais as principais diferenças da que temos hoje?

Ela: Na que tinha antigamente era bem engraçada, tinha a feira com as bancas das verduras, dos legumes, e por traz sempre tinha as bancas de comidas que as senhoras vendiam era um meio de comércio pra elas também, fazia sopa, fazia baião, faziam comida mesmo, como se fosse um restaurante, e vendia praquese pessoal que tava colocando as bancas de verdura e legumes pra vender os que vinha de fora sempre tinha aqueles almoço certo naquelas banca, Zefinha Cesário que tinha uma banca, tinha.. Eu não sei como era o nome da mãe de Valdiran que mora ali no enfeitado, eu lembro bem da barraquinha dela, e hoje, não tem nada disso os feirantes vem se ainda fica perto dos restaurantes compra, mas tudo um absurdo pra vista de antigamente, e não é aquela coisa gostosa que era de antigamente, tinha o caldo de cana, tinha a banca de cocada, de bolo, de tudo, e hoje não tem nada disso. É só ali vendendo as verduras um querendo vender mais rápido do que o outro e pronto.

A segunda feira era o melhor dia da semana, não era nem o final de semana era melhor, porque tinha as barracas e tinha o divertimento, o povo tudo alegre, feliz, subindo e descendo com as mercadorias deles.

Eu: com você vê a cidade de São José de Piranhas hoje?

Ela: A cidade cresceu muito, em termo de crescer, cresceu bastante, mais ainda continua parada porque a gente não tem médico todas as horas que precisa, não tem um carro pra socorrer todas as horas que precisa, ainda ta precisando melhorar muito nossa cidade só que pra vista de antigamente melhorou em parte que já tem mais emprego, já tem água encanada nas casas, energia, televisão, geladeira, melhorou bastante, mas ainda está faltando muita coisa pra poder dizer que ta ótimo

Eu: Sente saudade de alguma coisa que tinha ou que era possível fazer na cidade e hoje não pode?

Ela: Você podia sair de 6 horas uma, duas, três horas da manhã, não tinha no mundo quem encostasse o dedo em você não tinha acontecimento de coisa errada, hoje você não pode sair nenhum dia de casa com celular porque se sair você volta sem ele

Eu: Vanderlita muito obrigada pelas informações, colaborações com a minha pesquisa.

Ela: por nada, no que eu puder ajudar.

ENTREVISTA

ANTONIO BEZERRA

Eu: Bom dia

Eu Me chamo Mônica de Lima Roberto Sou estudante do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Formação de Professores. Unidade Acadêmica de Ciências Sociais. Campos V. Cajazeiras PB. Hoje dia cinco de abril de dois mil e dezoito . Estou aqui na residência do senhor (a) Antônio Bezerra, ex vereador , localizada a Rua sabino nogueira , Nº 396, na cidade de São José de Piranhas para entrevista-lo em virtude da pesquisa.

EU: Seu Antônio gostaria de saber se o senhor (a) me concede essa entrevista e se através dessa poderíamos conversar mais um pouco sobre a cidade de São José de Piranhas? Nos anos 70 e 80?

Ele: Hum, vamos lá.

Eu: Primeiramente eu gostaria de saber a quanto tempo mora na cidade?

Ele: Aqui eu cheguei em 1973 novembro de 73 até hoje.

Eu: você sempre morou nesse bairro?

Ele: Aqui nesse casa.

Ele: Durante quantos anos o senhor foi vereador? E em que ano?

Ele: 8 anos 1983 a 88.

Eu: O que se lembra da cidade no anos 70 e nos anos 80?

Ele: Em 1970, 1980 a cidade era pequena , não era nem média, porque ainda hoje ela é média era um quarto do que é hoje.

Eu: o senhor foi vereador no mandado de qual prefeito?

Ele: Joaquim Lacerda Neto.

Eu: Quais as maiores dificuldades encontradas na cidade na época em sua opinião?

Ele: Setor de saúde segurança, abastecimento, porque o povo hoje tem tudo nas mãos e tem banco, nesse tempo não existia banco ainda, era muita dificuldade aqui, tudo era resolvido em Cajazeiras.

Eu: Você acha que a paisagem da cidade mudou muito? O que mudou na sua opinião que deveria ter sido conservado?

Ele: Dentro da cidade aumentou, naquele tempo tinha pouca paisagem, ampliaram bem de 90 pra cá melhorou em termos de prédios, no meu tempo não existia nem primeiro andar, a casa de mãe neves (risos) deveria ter sido conservada.

Eu: No ano de 1970 inaugurou-se a CAGEPA, antes disso você lembra como era o abastecimento da cidade?

Ele: Era muita dificuldade, era num jumento com a lata pegava a água numa barragem, no lugar do açude era uma barragem.

Eu: em 1983 tivemos uma grande seca na região nordeste, você lembra?

Ele: Lembro, foi no meu tempo de vereador, começou a seca de 80 até o final de 83.

Eu: Em consequência a essa seca surgiram as “emergências”, o que você pode falar sobre isso.

Ele: Sei, essas emergências eram comandadas pelo exercito, o exercito vinha do Rio Grande do Norte, Mossoró, quem abria as frentes de serviço era o sargento Araujo, antes da emergência houve evasões quando chegou a emergência controlou eram feitas pelas pessoas pobres do sitio.

Eu: Em 1985 a cidade comemorava seu centenário você participou desse momento? Lembra-se de algo especial?

Ele: Foi boa a festa a prefeitura contratou aqueles cantor de fora, vei sanfoneiro, vei pinto do acordeon, foi bem animada a festa, houve as inaugurações, houve as inaugurações também de uns motores na bacia do açude que nesse tempo tinha água e o governo deu e eles foram inaugurar lá.

Eu: Em abril de 1985 o açude que abastecia a cidade se rompeu e afetou grande parte da cidade, o que você recorda desse episodio.

Ele: recordo sim, foi uma seca total daquele pessoal que foi atingido pelas águas, como a várzea bairro da várzea, levou as casinha todas. Eu tava no sitio, mas eu ouvi dizer que meia noite o sino batia, o povo chorava (risos).

Eu: A feira livre sempre foi uma das grandes atrações de nossa cidade, que tipo de experiência você lembra da mesma, e quais as principais diferenças da que temos hoje?

Ele: Assim a feira mais de São José de Piranhas vinha da serra eles traziam muita farinha, com milho feijão, legumes, não existia essas verduras quase nada, rapadura a vontade.

Eu: Como você vê a cidade de São José de Piranhas hoje?

Ele: desenvolveu muito, muito desenvolveu, cresceu, porque teve esse governo lula que foi muito bom para os pobres cada mulher tem um bolsa família e quando ganha menino ainda recebe a natalidade e isso gera um dinheirinho no comercio e muito bom, mas pro médio e o rico não prestou não, porque o povo fugiu do sitio pra cidade. (Risos).

Eu: Muito obrigada pelas informações

Ela: Por nada

ENTREVISTA

ANTÔNIA DOS SANTOS

Eu: Boa tarde

Eu Me chamo Mônica de Lima Roberto sou estudante do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Formação de Professores. Unidade Acadêmica de Ciências Sociais. Campos V. Cajazeiras PB. Hoje dia nove de abril de dois mil e dezoito. Estou aqui na residência do senhora Antônia dos Santos Nascimento, Profissão: Funcionária pública, localizada na rua Juvêncio de Andrade, Nº 320, na cidade de São José de Piranhas para entrevista-lo em virtude da pesquisa.

Eu: Gostaria de saber se a senhora me concede essa entrevista e se através dessa poderíamos conversar mais um pouco sobre a cidade de São José de Piranhas? Nos anos 70 e 80?

Ela: Certo.

Eu: Primeiramente eu gostaria de saber a quanto tempo mora na cidade?

Ela: Nós chegamos aqui no final de 1972 eu minha mãe e mais 6 irmãos, depois que meu pai morreu.

Eu: O que se lembra da cidade no anos 70 e nos anos 80?

Ela: Pra mim foram anos muitos bons, porque a gente tinha muito acesso a viver solta a brincar em rua, eu lembro que a gente morava ali... na rua da banda de musica e eu lembro que foi quando começaram a fazer os calçamento aqui, ave Maria eu achava a coisa mais linda, porque era as ruas tudo esburacada, quando vinha aquele pessoal botar os calçamento agente via a diferença de quando agente brincava nas ruas de terra, e depois ia brincar nas ruas calçadas, era muito bom... Assim nos anos 70 logo quando começou aparecer televisão que agente ia sentava na casa da vizinha que ela botava a televisão na porta, e agente sentava os menino tudo no pé da porta pra ficar assistindo televisão, numa rua como essa aqui nossa tinha uma ou duas casas que tinha televisor as outras não tinha, ai aquele vizinhos melhor botava as televisão na porta e o povo sentava nas calçada pra ficar assistindo.

Eu: O que você achou da gestão do prefeito Luiz Alberto de Paiva o que você lembra?

Ela: Ele fez muita reforma na cidade, foi ele que construiu a rodoviária que era aqui no centro, e o mercado público que era ali do outro lado, fez uma praça aqui entre a rodoviária e o mercado, que era naquele outro prédio de lá né, uma praça linda que ele fez e a rodoviária, era muito bonita porque tinha dois restaurante na época muito famoso, era mesmo na época que a Odebrecht tava aqui que fez esse assalto, subindo aqui pra Monte Horebe até chegar em conceição por ai. Esse pessoal vivia muito aqui na cidade e era um período desenvolvido os anos 80 aqui foi um período muito bom, porque, o prefeito que entrou Luiz Alberto, ele era um homem de muita visão, era um homem culto, era professor e ele deu outra vida à cidade.

Eu: Quais as maiores dificuldades encontradas na cidade na época na sua opinião?

Ela: Naquela época eu acho que a dificuldade maior que agente passou aqui era a questão de emprego, porque ainda não existia concursos como passou a existir a partir dos anos 90 e os empregos eram consertados na mão dos políticos da cidade, aqueles chefe político tinha aquele poder.

Eu: o que a cidade oferecia em termos de diversão naquele tempo?

Ela: De diversão naquele tempo tinha os parques que era bem tradicionais, que vinham pra cidade se alojava, passava quase mês, circo que era muito frequente eram circos muito bons, com atrações boas praquela época nera que o pessoal não tinha muito conhecimento muito acesso as informações do mundo la fora, ai tinha as festas da padroeira como tem até hoje, e tinha o *jatobar* clube aqui do centro que faziam as festas com carnaval todo domingo tinha as festas que chamavam de tertúlia festas dançantes tinha a festa no clube que só entrava quem era sócio ne, eles faziam uma espécie de filtragem da chamada elite que eles intitulavam né, e ai como lá no clube só entrava os sócios não entrava todo mundo, o meu avô era sócio e quando ele foi embora acho que bem nos anos 80 pra 88 quando ele foi embora pra João pessoa ele deu o titulo, transferiu pra gente porque ele tinha muito conhecimento com o povo. Dizem segundo as informações que eu escuto falar nem entrevam pessoas negras, só veio ter acesso quando um homem rico daqui de São José de Piranhas casou com uma senhora negra e ai pra poder ter acesso né, porque ia não podia negar que a esposa do homem entrasse no clube ai foram abrindo esses espaços de entrar pessoas de cor como eles diziam mas antes era só a sociedade mesmo.

Eu: Você acha que a paisagem da cidade mudou muito? O mudou que em sua opinião deveria ter sido conservado?

Ela: Mudou como no geral em todas as cidades aconteceram mudanças, as daqui não foram tantas não a estrutura da cidade ainda da um norte assim de muita coisa, as ruas né, só as construções de prédios que eles modernizaram que hoje os prédios quase tudo são de primeiro andar, nesse centro aqui mesmo quase não existia, eram uns casarões antigos e o que eu acho que poderia ter continuado era a questão do terminal rodoviário porque não era necessário ter tirado esse terminal rodoviário, daí porque servia também de uma espécie de praça de alimentação, tinha restaurante tinha lanchonete e os ônibus passam aqui sempre pelo centro e nunca atrapalhou a questão de ser aí uma rodoviária, e a estrutura muito bonita muito boa que foi feita a reforma mas o prefeito Luz Alberto fez uma estrutura que se tivesse continuado ainda hoje acho que tava ela ainda estava atualizada servia para os dias atuais, não tinha porque ter tirado a rodoviária aí do centro

Eu: Você lembra como era o acesso à escola nos anos 80 aqui na cidade (escola estadual).

Ela: Era fácil, pelo menos quando agente chegou aqui agente foi estudar no duque de Caxias, acho que só não estudava as pessoas que não se interessavam mesmo, porque eu lembro que lá em casa eram sete filhos a exigência que existia era a questão do fardamento e dos livros, tinha merenda nas escolas muito boa a merenda, porque era comida mesmo de mingau era cuscuz que eles faziam com arroz carreteiro que era bom,

Eu: em 1983 tivemos uma grande seca na região nordeste, você lembra?

Ela: Lembro, lembro das invasões que o pessoal da zona rural e até mesmo dos arredores da cidade faziam que era invadir as feiras eles chamavam de saquear, hoje vai ter saque na feira eles invadiam os estabelecimentos e levavam os gêneros alimentícios, feijão, arroz, destruíam muitas coisas faziam muita baderna mesmo, uns era por conta da fome outros por falta de comportamento mesmo, porque agente via muita necessidade mas também via muita destruição ficava a feira um horror. E os comerciantes sofriam muito porque tinha os estabelecimentos invadidos e não podia fazer nada teve muito isso.

Eu: Em consequência a essa seca surgiram as “emergências”, o que você pode falar sobre isso.

Ela: era o pessoal do governo, eu não lembro bem Mônica se era o governo do estado ou governo federal que eles criaram uns projetos pra construção de açudes e barragens nas propriedades aí faziam aquelas frente de serviço como eles chamavam naquelas propriedades

maiores nera, mas claro que tinha a politicagem pelo meio ne, aqueles proprietários que tinha a maior quantidade de terra recebia aquela autorização pra contratar grandes frentes de serviço e construíam barragens açudes e davam empregos ao pessoa dessa região todinha, teve os postos da emater, teve um posto da emater que era aqui nessa rua e nos dias de pagamento eles vinham e faziam lá no estádio Marcone Cruz de Lacerada, vinha o pessoal da emater traziam o dinheiro e faziam os pagamentos lá, foi um período bem tumultuado, assim bem movimentado quando tinha essas frente de emergência.

Eu: Em 1985 a cidade comemorava seu centenário você participou desse momento? Lembra-se de algo especial? Como estava sua vida e a de sua família nesse momento?

Ela: Eu lembro foi um período bom foi mais de uma semana de uma semana de festa aqui vieram muitas atrações de nível internacional era Deusimar o prefeito na época do centenário, na minha família pelo que eu lembro assim estava num momento bom, tinha muitas autoridades aqui, governos tudo, estalaram governo aqui por uma semana, vieram muitas coisas nesse período, eu sei que foi mais de uma semana de festa, tinha muitas comemorações o teatro nessa época funcionava, trouxeram muitas peças os filhos de Deusimar tinha um que era envolvido com essa história de teatro ai trouxe peças pra cá pra apresentar ali perto da igreja, muita festa de rua, bem umas duas ou três atrações vieram na época, teve Fagner ne que o filho de Deusimar parece que trouxe também, Reginaldo rose muitas bandas que vieram aqui da região, eu só me lembro mesmo da questão das festas (risos) porque das inaugurações eu não ia atrás não.

Eu: Em abril de 1985 o açude que abastecia a cidade se rompeu e afetou grande parte da cidade, o que você recorda desse episódio.

Ela: Vish, foi um fato assim muito lamentável muito triste, na noite que começou a chover começou cedo da noite e a chuva engrossou muito e ai eu lembro o sino da igreja tocando e aquela chuva enorme agente escutou um estrondo, e energia faltou e o sino da igreja começou a tocar ali da igreja matriz e os carros buzinando no meio da rua e todo mundo saia pras calçadas e se espalhou a noticia que o açude tinha se rompido e tinha carregado tudo, disseram que tinha matado gente, mas acho que não morreu ninguém só carregou os animais que tinham lá nos currais que tinha por perto lá do sangradouro, ai tiveram uns animais que foram arrastados pela correnteza à ponte que passava ali de são José pra Monte Horebe que também foi destruída ficou aquele buraco enorme, uma cratera enorme, pronto muito triste,

muito lamentável e a cidade ficou um bucado de tempo sendo abastecida por caminhão pipa que vinha deixar, claro que não é como esse sufoco de hoje que naquele tempo tinha mais inverno ne o tempo era mais frio, mas passou, não sei quanto tempo sendo abastecido por caminhão pipa, até que foi reconstruída a estação, o açude a parede né, a estrutura da parede ne e ai voltou novamente

Eu: A feira livre sempre foi uma das grandes atrações de nossa cidade, que tipo de experiência você lembra da mesma, e quais as principais diferenças da que temos hoje?,

Ela: Eita era uma feira bem movimentada, tinha o comercio como eu disse a você que tinha a rodoviária e daquele outro lado era o comercio, e aqui tanto desse lado como no outro tinha muitas bancas ali arrodado aquela rua da coletoria, descendo naquela lateral era a feira dos cereais, uma feira enorme e aqui desse outro lado de Valmir tinha as bancas descendo ali pra Zé do peixe era a feira de fruta descendo aqui pro jatobar clube era a feira das paneleiras do pessoal que vendia panela, ai descendo pro açougue esse centro aqui ficava todo tomado, era uma feira grande bem movimentada mesmo, eu tanto trabalhei no comercio como trabalhei no cartório que ficava mesmo no centro, o comércio mesmo era bastante movimentado, trabalhei numa loja de tecido na loja de Toin Cavalcante eu era balconista, e vendia bastante, no período do algodão que por sinal eu tinha um amigo que o pai dele vinha do ceara vinha comprar algodão aqui levava muito algodão era um período que o comercio era bastante movimentado, tinha de tudo aqui da nossa região era uma feira bem sortida, muito diferente a de hoje não chega nem no rasto. A feira começava cedinho e só terminava 5 horas da tarde, hoje né quando da meio dia já tão desmontando as bancas, hoje é essa tristeza.

Eu: com você vê a cidade de São José de Piranhas hoje?

Ela: Cresceu na maioria dos sentidos como todas as outras cidades né chegou o progresso que traz as coisas boas e as mazelas também mas cresceu bastante, pra ser uma cidade pequena ela acompanhou o desenvolvimento só o comercio daqui como em toda cidade pequena por conta do oferecimento de emprego que não tem nós não temos empresas que aqui não é uma cidade polo né que dê condição de ter emprego, a dificuldade continua a de sempre a questão de emprego, desenvolveu mas tiveram coisas que acabaram se perdendo como por exemplo nos ano 70,80 até 90 o inicio dos anos 90 nós tínhamos uma maternidade e tínhamos um hospital né, em termos de saúde houve uma perca enorme, porque hoje eu não entendo tudo tem que correr pra cajazeiras, eu não entendo um progresso que chega e acaba com a principal coisa

que uma população necessita, saúde é isso que eu não consigo entender porque foi que o progresso nos tirou isso, eu não consigo entender onde foi que ficou o erro? Foi dos governantes? O que foi? A população cresceu e ao invés de ganhar de ampliar fez foi acabar, em termos de educação e saúde regredi, não tem a mesma assistência do meu tempo.

Eu: Sente saudade de alguma coisa que tinha ou que era possível fazer na cidade e hoje não pode?

Ela: Em termo de segurança, na minha época assim até o final dos anos 80,90 você podia ficar numa praça dessa, eu mesmo cansei de ficara gente tinha um grupo de amigos, e tinha um guarda da praça que agente era conhecido seu Romão, agente cansou de ficar até uma hora duas da manhã até uma hora duas horas da manhã, a praça era bem arborizada, bonita, é outra coisa que eu sinto falta aqui, que essa praça era muito bonita, bem arborizada, com plantas com flores tinha uns bancos de cimento uns bancos grandes confortáveis você podia sentar e ficar conversando até altas horas da noite e não tinha problema, não tinha essas coisas que o progresso trouxe ne que os tempos evoluíram e trouxeram muitas coisas boas e também muitas coisas ruins, essa questão da droga que agente não ouvia falar ninguém tinha coragem nem de pronunciar o nome droga, maconheiro isso era uma palavra proibida, agente via na televisão e dizia olha esse cara tem cara de maconheiro mas agente falava até baixinho, ai hoje com esse entrosamento, essa facilidade de convivência as pessoas vindo de várias regiões não sei se foi isso teve essa evasão das drogas nas cidades pequenas ne em São José de Piranhas e em todas as outras cidades né, essas coisas ruins que danificam a vida das pessoas e acaba com a estrutura familiar

Eu: Dona Antônia muito obrigada pela sua atenção e colaboração com a minha pesquisa.

Ela: ohh, por nada obrigada você também por ter me dado esse privilégio de falar da minha infância da minha juventude nessa cidade que foi o meu berço.